



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**MÉRCIO BRASIL DA SILVA**

**AS PERSONAGENS QUE HABITAM A FEIRA E SEUS JOGOS DE TROCA: UMA  
PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA DA “FEIRA DO TROCA” EM CARUARU-PE**

**GUARABIRA  
2024**

MÉRCIO BRASIL DA SILVA

**AS PERSONAGENS QUE HABITAM A FEIRA E SEUS JOGOS DE TROCA: UMA  
PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA DA “FEIRA DO TROCA” EM CARUARU-PE**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História Plena da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em História.

**Área de concentração:** História e Estudos Culturais: Etnia, Crença, Gênero e Sensibilidade

**Orientador:** Prof. Dr. Bruno Mota Braga.

**GUARABIRA  
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B823p Brasil, Mércio.

As personagens que habitam a Feira e seus jogos de troca: [manuscrito] : uma perspectiva etnográfica da "Feira do Troca" em Caruaru-PE / Mércio Brasil. - 2024.

95 f. : il. color.

Digitado.

Monografia (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Grad. Bruno Mota Braga, Departamento de Educação - CH".

1. Feira do Troca. 2. Interlocutores. 3. Feirantes. 4. Relações de troca. I. Título

21. ed. CDD 907

MERCIO BRASIL DA SILVA

AS PERSONAGENS QUE HABITAM A FEIRA E SEUS JOGOS DE TROCA: UM  
OLHAR ETNOGRÁFICO DA FEIRA DE TROCA EM CARUARU –  
PERNAMBUCO

Monografia apresentado à  
Coordenação do Curso de História da  
Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do  
título de Licenciado em História

Aprovada em: 11/11/2024.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Bruno Mota Braga** (063.833.874-30), em **19/11/2024 11:34:37** com chave **67840c88a68311efb6d02618257239a1**.
- **Susel Oliveira da Rosa** (704.162.220-72), em **19/11/2024 11:37:42** com chave **d5abf22aa68311efa8cc1a7cc27eb1f9**.
- **Marcelo Saturnino da Silva** (022.058.514-89), em **19/11/2024 14:28:33** com chave **b375ed9ca69b11efbf511a7cc27eb1f9**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do  
QrCode ao lado ou acesse [https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar\\_documento/](https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/) e  
informe os dados a seguir.

**Tipo de Documento:** Termo de Aprovação de Projeto Final

**Data da Emissão:** 19/11/2024

**Código de Autenticação:** db0d1f



A minha avó Maria, que nos deixou ainda em 2023, ao meu colega e amigo Márcio Gomes, que nos deixou esse ano, e a Beatriz, a quem tive muita admiração e respeito, secretária da escola que me acompanhou durante a educação básica, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por nunca ter soltado a minha mão, estando ao meu lado o tempo todo.

Agradeço a todas as pessoas da “Feira do Troca”, que me possibilitaram fazer esta pesquisa, uma experiência tão ímpar. Um agradecimento especial às minhas interlocutoras, que abriram as “portas” para que eu pudesse ter acesso aos diversos lugares da Feira, bem como por compartilharem comigo suas histórias.

Agradeço a toda minha família, principalmente à minha mãe Albertina e meu pai Marcos por terem sempre me dado apoio e acreditado em mim.

Agradeço às minhas irmãs e irmão, aos meus sobrinhos por terem acreditado no meu sonho.

Faço um agradecimento especial ao meu sobrinho João Miguel, que chegou em minha vida em um momento de caos e trouxe a paz e tranquilidade que eu precisava me fazendo acreditar na vida.

A Susel, coordenadora do curso, por seu empenho, e, principalmente, por ter sido tão acolhedora comigo desde o início do curso, se tornando uma grande amiga.

Ao professor Bruno, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação. Além de ter sido tão acolhedor e muito paciente comigo durante todo esse tempo.

Ao professor Marcelo, por ter me despertado esse gosto pela pesquisa, me dando oportunidade de fazer PIBIC e participar junto com meus colegas de um grupo de estudos.

Um agradecimento especial à professora Luciana por toda a partilha nas aulas, na extensão e ,principalmente, no Núcleo de Documentação Histórica (NDH).

Agradeço às professoras e professores: Elisa, Alômia, Dayane, Joana, Luandson, Cristiano, Edna, Joedna, Naiara, Waldeci e a todos que fazem parte do departamento de História e do departamento de Educação.

Agradeço à Rilane e Diego por estarem sempre me ajudando na coordenação e no departamento de História.

Agradeço a todos que fizeram parte do CAHIS, GEPIEST e NDH, sendo estes muito importante para minha formação.

Agradeço ao meu grupo de amigos: Jeane, Kátia e David, que estão justos comigo desde o ensino fundamental, mantendo esse elo de amizade, parceria e companheirismo. A quem tenho muito respeito e admiração.

Agradeço Ivanildo Júnior, meu professor do ensino médio, que foi quem acreditou em mim e me fez entrar no curso de História.

Agradeço aos amigos, que as olimpíadas de história me presentearam: Davi e Felipe.

Agradeço a Universidade por ter me proporcionado a fazer tantos amigos, com quem eu tenho um carinho especial: Thalita Kadija, Ramil, Mariane, Vital, Geann, Wesley, Naiara, Lucas Silva, Lucas Santos, Janilma, Mayra, Clara, Susanne, Eva, Bianca, João Marcos, Josélio, Natiane, Carlos Eduardo e tantos outros a quem tenho um carinho muito especial.

Aos motoristas de ônibus, que me levaram a universidade durante todos esses anos, a quem tenho um carinho especial: Mendonça, Emanuel, Sebastião e Heriberto.

Aos meus colegas do “busão” da noite, que fizeram as minhas voltas para casa serem mais divertidas, depois de um dia bastante cansativo.

Agradeço à Universidade Estadual da Paraíba e ao Centro de Humanidades por terem me proporcionado a oportunidade de cursar essa graduação.

## RESUMO

As feiras populares são base da economia das pequenas e médias cidades do nordeste brasileiro. Com o intuito de apresentar quem são os sujeitos que habitam as feiras populares e seus jogos simbólicos, buscamos desenvolver uma pesquisa etnográfica em um espaço de comercialização destinado a trocas de objetos e a venda de serviços: a Feira do Troca de Caruaru – Pernambuco. No decorrer deste trabalho etnográfico buscamos percorrer as vivências das nossas interlocutoras, os bastidores da feira e buscamos registrar os caminhos do nosso trabalho de pesquisa. A vendedora de café, a garota de programa e a vendedora de produtos eletrônicos, serão as nossas principais interlocutoras nesta pesquisa. Essas personagens nos ofereceram um campo de reflexão sobre as estratégias (materiais e subjetivas) mobilizadas em suas lutas pela sobrevivência dentro desses mercados populares. Os conflitos, as redes de solidariedade e alianças são expressões características desses espaços de circulação de pessoas, objetos e dinheiro. Com o intuito de registrar os caminhos percorridos por esta pesquisa, buscamos apresentar a nossa chegada e inserção em campo, bem como a construção de redes de confiança e amizade, que nos aproximaram de nossas interlocutoras. Essa pesquisa é de natureza qualitativa fazendo o uso de algumas ferramentas metodológicas: entrevistas, registros fotográficos e da etnografia.

**Palavras-Chave:** “Feira do Troca”; Interlocutores; Feirantes; Relações de troca.

## **ABSTRACT**

The present study is the result of ethnographic research, being experienced in three moments by the researcher, namely: Arrival in the research field, the construction of trust networks and the insertion of the researcher in the research field. The main aim of the study is to present the games and exchange relationships within the “Feira do Troca”, in Caruaru-PE. Throughout the text, the researcher's experiences in the field will be presented, behind the scenes of the fair including all the preparation before leaving the stallholders' homes until the arrival of the first customers. Perspectives on the fair will also be discussed from the perspective of the interlocutors who build this work. The main interlocutors are three women who have different occupations, namely: a coffee seller, a sex worker and a seller of new and used products, such as boxes and watches. These stallholders say they work in an inappropriate location, on the banks of a polluted river, without any help from public agencies. The fair has been a space for a survival strategy, guaranteeing the financial stability of these people who occupy these spaces, even though they live in a space of conflict and persecution.

**Keywords:** Feira do Troca; Interlocutors; Marketers; Exchange relationships.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1	Entrada do parque 18 de maio.....	21
2	Mapa do Parque 18 de maio.....	22
3	Letreiro da “Feira do Troca” .....	24
4	Barracas e depósitos .....	26
5	Mapa da “Feira do Troca” .....	29
6	Pesquisador inserido no campo de pesquisa.....	30
7	Forma de organização dos produtos.....	35
8	Espaço do calçadão ocupado pelos vendedores .....	40
9	Vendedor de CD’s com um cliente .....	45
10	Pesquisador adquirindo livros.....	50
11	Polícia militar abordando frequentadores da “Feira do Troca” .....	54
12	Fiscais da prefeitura fazendo a cobrança de taxa .....	57
13	Barraca de café.....	62
	..	

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1.</b>	<b>OS PÓLOS DE CONFECÇÃO DO AGRESTE PERNAMBUCANO: A IMPORTÂNCIA DA FEIRA COMO ESPAÇO DE COMERCIALIZAÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>1.1</b>	<b>CARUARU, PÓLO DE CONFECÇÕES DO AGRESTE PERNAMBUCANO: A DIVERSIDADE DE FEIRAS .....</b>	<b>17</b>
<b>2.</b>	<b>A CHEGADA DE UM PESQUISADOR E SUAS PRIMEIRAS INFORMAÇÕES DA “FEIRA DO TROCA” .....</b>	<b>23</b>
<b>2.1</b>	<b>A CHEGADA NO CAMPO DE PESQUISA .....</b>	<b>27</b>
<b>2.2</b>	<b>ESTABELECENDO LAÇOS DE CONFIANÇA COM MEUS INTERLOCUTORES: CONSTRUINDO REDES DE CONFIANÇA E AMIZADE .....</b>	<b>33</b>
<b>2.3</b>	<b>OS PRIMEIROS CONTATOS E VIVÊNCIA EM UM BANCO DE CAFÉ: A INSERÇÃO DO PESQUISADOR NO CAMPO DE PESQUISA.....</b>	<b>36</b>
<b>2.4</b>	<b>ESPAÇO DISPUTADO: “SHOPPING CHÃO” .....</b>	<b>39</b>
<b>3.</b>	<b>RELAÇÕES DE TROCA: JOGOS COMERCIAIS ENTRE FEIRANTES E CLIENTES.....</b>	<b>44</b>
<b>3.1</b>	<b>A (DES) VALORIZAÇÃO DE PRODUTOS: O VALOR É DE ACORDO COM O INTERESSE DE QUEM VAI COMPRAR-LO.....</b>	<b>46</b>
<b>3.2</b>	<b>NO CAÇAR DO BACURAU: CADA MERCADORIA TEM SEU DONO A SUA ESPERA.....</b>	<b>52</b>
<b>4.</b>	<b>(DES) CRIMINALIZANDO A FEIRA: UMA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO POPULAR SOBRE A “FEIRA DO TROCA” .....</b>	<b>55</b>
<b>4.1</b>	<b>A PERSEGUIÇÃO: UMA VISÃO APRESENTADA PELOS FEIRANTES QUE ESTÃO PRESENTES DENTRO DA “FEIRA DO TROCA” .....</b>	<b>56</b>
<b>4.2</b>	<b>NUMA BARRACA DE CAFÉ: NOS BASTIDORES DA FEIRA.....</b>	<b>60</b>

<b>5.</b>	<b>HISTÓRIAS DE VIDA: O SER HUMANO POR TRÁS DA FIGURA DO FEIRANTE.....</b>	<b>64</b>
<b>5.1</b>	<b>HISTÓRIA I: A VIDA DE MANUELA.....</b>	<b>66</b>
<b>5.2</b>	<b>HISTÓRIA II: A VIDA DE JACIARA.....</b>	<b>76</b>
<b>5.3</b>	<b>HISTÓRIA III: A VIDA DE ZULMIRA.....</b>	<b>82</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>91</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>94</b>
	<b>FONTES.....</b>	<b>95</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa etnográfica e tem como intuito abordar a configuração econômica e social da tradicional “Feira da Troca”, uma das feiras que compõem o grande arranjo comercial popular de Caruaru. A tradicional “Feira do Troca”, está localizada no Parque 18 de maio, na região Agrestina de Pernambuco, e compõe um território comercial próprio resultante da iniciativa dos próprios sujeitos na luta pela sobrevivência. A disputa pelo espaço feirante, dentro do local, é um desafio diário vivenciado pelos feirantes da “Feira do Troca”. Os jogos de troca, a evidência da pechincha e a barganha dentro do espaço feirante é uma das características mais evidentes de quem se direciona a feira, ou seja é um espaço feirante que reúne pessoas, trocas de objetos, o exercício da barganha e o compartilhamento de saberes e mercadorias, com ou sem o uso do dinheiro. Nesse sentido, destacamos algumas questões norteadoras para essa pesquisa: Como esses indivíduos constroem um jogo de relações sociais e econômicas no espaço feirante? Quais são as negociações ali presentes? Como elas mobilizam condições materiais e subjetivas para construir esse espaço feirante? Busco responder essas perguntas através dos seguintes recursos metodológicos: análise documental, entrevistas e da etnografia. Este trabalho se dedicou a realizar uma descrição densa do espaço feirante e apresentar três histórias de vida de mulheres que fazem parte da “Feira do Troca”, com diferentes perspectivas e experiências laborais. Essas três mulheres são as principais interlocutoras desta pesquisa, dentre elas estão uma vendedora de café, uma comerciante de artigos tecnológicos e uma prostituta.

Estou diante de encontros de troca, onde há uma circulação de dinheiro, tradições populares e objetos, essas trocas assumem novos sentidos e valores simbólicos dentro desse cenário. Muito do que coletamos é fruto dos relatos orais dos nossos interlocutores e da origem desse espaço feirante, fator que evidencia a falta de um registro histórico desse lugar.

Os jogos simbólicos ou jogos de troca, que estamos aqui destacando, são justamente essas relações de afinidade que podemos desenvolver dentro desse espaço, como de fato vamos sendo incluídos ou

aceitos dentro de alguns grupos. A questão da fofoca, que ECKERT e ROCHA apresentam: “A fofoca também é um poderoso instrumento para perceber fronteiras simbólicas e representações de grupos. Além disso, ela é sempre denunciativa e traz uma forte carga moral”. (ECKERT; ROCHA, 2003, p.108). Essa ferramenta foi um elemento poderoso para ganhar a confiança das interlocutoras.

Um elemento que irei trazer neste trabalho são as fronteiras da legalidade e da ilegalidade, algo muito tênue. Muitos dos relatos de nossos interlocutores enfatizavam a presença de mercadorias “ilegais ou suspeitos de roubo”. Esse fator destaca os estigmas sociais que o espaço da feira carrega, trazendo consigo a criminalização do espaço e a prevalência do preconceito vivenciado pelos feirantes. Esse foi um dos elementos motivadores que nos levou a pesquisar a feira de troca.

Busco me colocar no cenário não somente como pesquisador, mas como um indivíduo participante, que, através de inúmeras idas e vindas objetivamos conhecer e traçar a rotina de uma feirante, desde o preparo para ir à feira, até a hora de voltar para casa. Este acompanhamento foi feito durante alguns dias. Outro fator que destaco são as formas de trabalhos que existem dentro da “Feira do Troca”, a diversidade de mercadorias comercializadas.

Com o intuito de construir um panorama mais pontual sobre as pessoas, que compõem a feira, foi possível conversar com alguns feirantes. O elemento principal são as histórias de vidas, que serão apresentadas no capítulo final deste trabalho.

A escolha das histórias é feita pelo próprio autor, levando em consideração a sua disponibilidade e a disposição de cada uma. Foram escolhidas apenas histórias de mulheres por serem minoria na feira, em questão numérica e por serem minorizadas dentro e fora do ambiente. Todas as mulheres que serão trazidas neste trabalho são mães e a feira se configura como a principal ou única fonte de renda da família. Este trabalho de pesquisa tem por objetivo contribuir para o entendimento desse arranjo comercial e apresentar um retrato histórico que contribua para pesquisas posteriores.

Também é importante frisar a importância das feiras livres e dos feirantes que fazem com que essas feiras aconteçam e sua relevância para o giro econômico das cidades, como destaca Márcio Sá:

“É preciso olhar para a feira e para seus feirantes como também sendo membros da ordem mundial contemporânea e não apenas como representações folclóricas de um regionalismo nordestino que, obviamente, tem seu papel em termos de representação identitária e histórica de um povo, mas que não nos faz substantivamente diferentes em termos dos dramas de povos de outros países, situados na geopolítica mundial em condição periférica similar à nossa, também vivem”. (SÁ, 2011, p.33)

As feiras têm uma importância muito grande para a sociedade, como apresentada por Márcio Sá: “as feiras são como manifestação cultural”. Os mercados públicos são apresentados da mesma forma por: SERVILHA e DOULA: “O mercado municipal é analisado aqui como um espaço público, como um lugar de construção cultural, correlacionado com a construção social do sentimento de pertencimento comum e “sentido de lugar”(SERVILHA e DOULA, 2009, p.125).

Os espaços públicos, como as feiras livres, apresentam a importância da preservação da cultura, levando sua resistência aos cantos da cidade, mantendo a preservação cultural e sua notória importância, por ser um lugar de socialização entre as pessoas.

A Feira carrega consigo uma grande importância cultural. Como também para a economia local, fazendo um giro econômico na cidade como apresenta: SERVILHA E DOULA, a partir de BRAUDEL:

“Muitas contribuições teóricas referem-se às relações de troca de mercadorias ou bens comumente conhecidas como “sistema” de mercado, entendido como um conjunto de regras e comportamentos econômicos, orientado para a regulamentação da circulação de produtos e presente em várias culturas. Entretanto, trataremos aqui do mercado como um espaço físico, um lugar fixo e demarcado para as trocas e que é historicamente reconhecido como importante entreposto de circulação regional em relação ao qual se constroem representações coletivas de múltiplos significados”. (SERVILHA e DOULA, 2009, p.126).

Dessa forma, pode entender um pouco como funciona a influência que as feiras livres trazem para as cidades, gerando de fato esse giro econômico e capital, o que resulta no crescimento econômico da cidade. Bem como, pode perceber quantos empregos são gerados por estes espaços.

“As feiras-livres são importantes canais de comercialização, configurando-se como um espaço de integração cultural e socioeconômica. Enquanto circuitos curtos de negociação, elas aproximam produtor e consumidor, fortalecendo vínculos e dinamizando a economia”. (PEREIRA, PEREIRA, BRITO, GOULART e PEREIRA, 2023).

Como vista, a mera importância da feira, aqui introduzido e que também será mais explorado ao decorrer deste trabalho, também é importante destacar personagens que compõem a feira, como serão apresentadas as três mulheres interlocutoras. Dessa forma, podemos entender a relevância que esses relatos tiveram para a construção deste trabalho, como apresentado por Walter Benjamin: “A arte de narrar”. As narrativas foram dando enredo a essas que aqui são as contações de histórias.

## **1. OS POLOS DE CONFECÇÕES DO AGRESTE PERNAMBUCANO: A IMPORTÂNCIA DA FEIRA COMO ESPAÇO DE COMERCIALIZAÇÃO**

O agreste brasileiro é uma sub-região do nordeste brasileiro, localizado na região que divide o semiárido do sertão. É muito comum nessas regiões a presença de feiras populares como mercados que dinamizam as economias locais, fazendo com que o “dia de feira” seja um dia onde as economias das pequenas cidades do interior tenham uma pujança<sup>1</sup> maior. A região pesquisada é considerada um dos maiores polos comerciais do Nordeste, intitulado como “feira de Caruaru” ou como atualmente é conhecida de “Polo de Confeções do Agreste Pernambucano”, composto pelas cidades de Toritama, Caruaru e Santa Cruz do Capibaribe.

O nome *sulanca* é uma junção entre as palavras *sul* e *herança*, justamente por serem comercializados, inicialmente, os restos de tecidos trazidos do Sul e Sudeste do Brasil. Conseqüentemente, trazendo esse sentido de herança. Estes produtos seriam descartados pelas indústrias dessas regiões já destacadas, mas ao invés do descarte são doados a população agrestina. Posteriormente, esses produtos passam a ser comercializados no Agreste pernambucano. As remessas seguintes são comercializadas, vendidas

---

<sup>1</sup> “Pujança” é um termo usado para se referir à força ou vigor, nesse sentido uma força na economia.

ou trocadas por animais e produtos com a população local, passando o produto a ser valorizado e dando origem ao surgimento das feiras.

As três cidades pernambucanas aqui citadas têm forte influência na economia e se destacam por serem grandes centros comerciais com ênfase para a confecção. Estes municípios foram se tornando as unidades produtoras, conseqüentemente, passaram a serem os principais alvos de atores estratégicos com as instituições privadas, se isentando de impostos e aumentando sua margem de lucros. Se destacando por serem grandes centros comerciais, as cidades do agreste pernambucano chamam atrações de todos os estados com suas fábricas e feiras que vão se desenvolvendo a partir do fluxo de pessoas.

Toritama se destaca por ser um grande polo de fábricas e indústrias, sendo chamada de “capital do jeans”, por ter um grande número de fábricas que trabalham com esse tipo de produto, o que resulta em uma grande demanda, posto que a cidade recebe muitos compradores, o qual comercializam os produtos em diversas cidades do Brasil e do mundo.

Santa Cruz do Capibaribe também se destaca por ser um dos maiores polos de confecções do Brasil, juntamente com Toritama e Caruaru. A cidade de Santa Cruz do Capibaribe se destaca por suas grandes fábricas de confecções, nacionalmente conhecidas, assim como Santa Cruz do Capibaribe, recebe visitantes de todo o Brasil e até internacional

Além de grandes centros comerciais, no que tange a confecção de roupas, elas também se destacam por suas feiras, formadas justamente para a comercialização dos destes produtos. As feiras funcionam justamente em dias alternados. Por conta da proximidade das cidades, um fator que chama a atenção é justamente a alternância de dias, para quem é frequentador e comprador dessas feiras é uma boa alternativa para não perder uma feira por conta de outra. Quando ocorre a mudança de dia e acontece o choque entre as feiras, os feirantes são devidamente prejudicados.

As feiras surgem bem antes da moeda, de acordo com algumas teorias da humanidade, por exemplo no período do feudalismo, onde foram surgindo os primeiros espaços de trocas de mercadorias simbolizando as feiras que temos no período contemporâneo. Uma história bem ou mais recente que pode ser comprovada é a história de cidades que surgem depois de pequenos

espaços de troca, espaços esses caracterizados com feira, como é o caso da cidade de Caruaru, que iremos destacar um pouco mais a frente.

O dia de feira se constitui em um dos pontos emblemáticos do trabalho no Polo de Confeções do Agreste Pernambucano. As atividades produtivas e comerciais se iniciam com a compra de tecidos e aviamentos que irão viabilizar o início do ciclo produtivo, seguida da produção de confeções nas unidades produtivas, em geral domiciliares, para finalizar no dia de feira, com a venda do que foi produzido na semana, quando o ciclo recomeça. O dia de feira expressa o momento em que se intensificam as relações entre os indivíduos e os grupos envolvidos nas atividades produtivas e comerciais de confeções na região. (BRAGA, 2014, p. 28)

O dia de Feira é o dia mais importante para as pessoas que trabalham com confecção, seja para quem vai comprar ou para quem vai vender, como destacou o texto acima. A Feira é onde a maior parte dessa produção será comercializada, vindo pessoas de diversos lugares do Brasil. Outro assim, é importante pontuar que as pessoas que estão ali, comercializando, também compram materiais para produção de mais produtos, o que gera um mercado rotativo, influenciando, principalmente, a economia da própria cidade. Geralmente o preparo da Feira começa bem antes dela ocorrer, como destaca o trecho a seguir:

Esse é o ritmo da cidade no dia anterior à abertura da feira. Sistemáticamente vamos assistindo o início do trabalho de organização e a abertura dos fardos de roupas para as vendas. Antes das atividades começarem, alguns feirantes cobrem os bancos de madeira com lona para proteger as mercadorias, já outros demarcam o chão da feira com lonas e pedras para que no dia seguinte tenham a garantia do seu espaço para vendas. Muitos deles dormem embaixo dos bancos para assegurarem o seu “ponto”. Os hotéis, pousadas e dormitórios, no centro da cidade, ficam em sua maioria lotados, pelo que indicam na entrada os cartazes: não há vagas. Por isso, muitos adotam o sistema de reservas feito em grupos. A estrutura dos quartos tem a capacidade de hospedar de cinco (5) a seis (6) pessoas, permitindo abrigar caravanas de compradores de outros estados que só se hospedam para pernoitar nos dias de feira. (BRAGA, 2014, p. 29)

A preparação para a feira ocorre bem antes dos primeiros clientes começarem a se deslocar para a feira, o fluxo de feirantes é bem evidente no dia anterior. Geralmente os primeiros clientes começam a chegar ainda na madrugada, quando as mercadorias estão devidamente organizadas. Com o cansaço da preparação da noite anterior, a maioria, acabam dormindo por lá.

O hábito de dormir na feira na noite anterior é muito comum em todos esses polos aqui já citados. Pelo fato das feiras serem preparadas no dia anterior e começaram ainda durante a madrugada, muitos feirantes preferem ou necessitam dormir na feira. Principalmente aqueles que moram um pouco afastados, seja por vir de outra cidade ou até mesmo da própria cidade.

Como podemos aqui introduzir, o agreste pernambucano é um grande polo de industrialização e confecção, conhecido dentro e fora do país, por sua diversidade de feiras e centros de comercialização de produtos. Neste primeiro momento, irei destacar um destes polos, a cidade de Caruaru.

### **1.1.CARUARU, POLO DE CONFECÇÕES DO AGRESTE PERNAMBUCANO: A DIVERSIDADE DE FEIRAS**

É impossível dissertar sobre a cidade de Caruaru sem falar como ela começou. A cidade nasceu e se desenvolveu a partir de um povoado, que se desenvolveu aos arredores de uma capela, sendo fixado depois do surgimento de um primeiro espaço, transformando-se como um espaço de feira livre. E hoje o maior destaque dessa cidade é a diversidade de feiras e a sua importância para a economia local.

Os escritores e historiadores caruaruenses são unânimes em afirmar que Caruaru nasceu, cresceu e se transformou em povoado em função da existência dessa capela histórica. Podemos supor que a Fazenda Caruru, a partir da inauguração da capela em 1782, passou a ser o único lugar do vale médio do Ipojuca, além de Bezerros, onde os moradores de todas as redondezas teriam a oportunidade de acompanhar um ato religioso celebrado por uma autoridade oficial da Igreja Católica. Aquela fazenda transformou-se em um ponto de convergência da população em geral, em função do que para eles seria o motivo muito especial: a religiosidade”.

“É nesse contexto histórico que encontramos as raízes da história da feira livre de Caruru, nas últimas décadas do século XVIII e início do XIX. Vamos imaginar o dia da vinda do padre para a capela de Nossa Senhora da Conceição, a notícia espalhava-se com antecedência e, (normalmente era aos domingos) ele transformava-se em dia especial: assistir missa, batizados, casamentos, receber a benção do padre, encontrar conhecidos, parentes e compadres. Aproveitando as oportunidades, a partir do agrupamento de gente, muitos traziam seus produtos agrícolas, para vender ou trocar por outra coisa da qual estava necessitado. Poderia aproveitar também, a presença de um mascate que era habitual por esses tempos naqueles caminhos e esses encontros eram oportunos para apresentar as novidades do momento: tecidos, linha, dedal, chapéus, apetrechos de uso feminino, etc. Essas transações comerciais aconteciam, provavelmente, antes

das atividades religiosas. Mas com o tempo, pode-se pensar no aumento dos negócios e os encontros tornaram-se semanais, os produtos iam se diversificando cada vez mais: gado, cabra, galinha, e já poderia existir uma casa comercial, substituindo o antigo mascate e sendo até mais conveniente a todos, pela possibilidade de mudanças nas relações, caracterizadas pela confiança mútua, pelos prazos na entrega dos produtos e nos pagamentos, etc. Pelo menos de forma teórica, montamos a maneira e as condições de como começou a feira de Caruaru. (FERREIRA, 2001, P. 101-102)

A cidade de Caruaru é conhecida pela sua diversidade de feiras, das mais variadas possíveis, “feira da sulanca”, a mais conhecida e visitada de todas, “feira de pássaros”, “feira de artesanato”, as feiras de bairro e a “feira do troca”, que é o foco deste trabalho. Para falar um pouco mais sobre a diversidade de feiras existente na cidade de Caruaru é possível trazer a música cantada pelo “rei do baião”, Luiz Gonzaga:

### **“A Feira de Caruaru”**

“<sup>2</sup>Inté galinha, mulher?

E o carneiro, hein? Tá doido, tá muito caro, sô

A feira de Caruaru  
Faz gosto a gente ver  
De tudo que há aí no mundo  
Nela tem pra vender  
Na feira de Caruaru

Tem massa de mandioca, batata assada, tem ovo cru  
Banana, laranja e manga, batata-doce, queijo e caju  
Cenoura, jabuticaba, guiné, galinha, pato e peru  
Tem bode, carneiro e porco, se duvidar isso é cururu  
Tem bode, carneiro e porco, se duvidar isso é cururu

Tem cesto, balaio, corda, tamanco, greia, tem boi tatu  
Tem fumo, tem tabaqueiro, tem tudo e chifre de boi zebu  
Caneco, arcoviteiro, peneira, boi, mel de uruçú  
Tem carça de arvorada, que é pra matuto não andar nu  
Tem carça de arvorada, que é pra matuto não andar nu

---

<sup>2</sup> “A Feira de Caruaru” é uma música que foi composta pelo caruaruense Onildo Almeida e gravada pela primeira vez em 21 de março de 1957 pelo cantor Luiz Gonzaga.

Na feira de Caruaru  
Tem coisa pra gente ver  
De tudo que há aí no mundo  
Nela tem pra vender  
Na feira de Caruaru

Tem rede, tem baleeira mó de menino caçar nambu  
Maxixe, cebola verde, tomate, coentro, côco e xuxu  
Armoço feito na corda, pirão mexido que nem angu  
Mobília de tamborete feita de tronco de mulungu  
Mobília de tamborete feita de tronco de mulungu  
Tem louça, tem ferro véio, sorvete de raspa que faz jaú  
Gelado, caldo de cana, fruta de parme e mandacaru  
Boneco de vitalino, que são conhecido inté no sul  
De tudo que há no mundo tem na feira de Caruaru  
De tudo que há no mundo tem na feira de Caruaru

A feira de Caruaru  
Faz gosto da gente ver  
De tudo que há aí no mundo  
Nela tem pra vender  
Na feira de Caruaru

Ó a galinha aí, rapá  
Olha o peru!

Na feira de Caruaru”

Como a música apresentada pelo cantor Luiz Gonzaga, a feira de caruaru é muito ampla e plural em sua diversidade de produtos comercializados. O que chamamos de “feira de Caruaru” é uma diversidade de mais de vinte feiras existentes em toda a cidade.

Pude aqui destacar as principais feiras desse lugar. A primeira é a feira da sulanca, sendo uma das mais visitadas pela sua comercialização de produtos de confecções de tecido, fabricados e comercializados na própria cidade, se destacando como um dos maiores focos de vendas de todo o agreste pernambucano. A feira do artesanato, está sendo bastante visitada pelos turistas que desejam levar uma “lembrancinha” da cidade. A feira livre,

que ocorre em diversos bairros da cidade, sendo uma das maiores, funciona dentro do parque 18 de maio, assim como as duas supracitadas.

As feiras, em um sentido geral, são apresentadas como um sinônimo cultural, de preservação e resistência à cultura e tradição popular, como é apresentado por Márcio Sá no livro “FEIRANTES: Quem são e como administram seus negócios”. Em um sentido totalmente inverso, a visão apresentada da "feira do troca", neste livro, é a mesma perpetuada no público externo e nas mídias sociais da cidade, que logo mais será apresentada neste trabalho.

Por serem consideradas os pontos de maiores confecções do agreste pernambucano, as semelhanças vivenciadas entre as feiras de Toritama e Santa Cruz do Capibaribe são bastante semelhantes às vivenciadas na feira de Caruaru, assim como a forma de se fixarem no espaço como funcionam hoje.

Uma outra característica sobre a feira de Caruaru é a centralização de parte dessas feiras em um parque, que é o parque 18 de maio. Além dessas centralizadas nesse parque, outras feiras ocorrem por diversos bairros da cidade, como as feiras livres e a feira de gado, sendo esta mais afastada, em relação às demais.

Outra feira que não podemos deixar de destacar é a “feira do troca”, que será devidamente mais aprofundada pouco mais a frente. Essa feira é localizada no parque 18 de maio, onde se localizam as mais importantes feiras de Caruaru. Uma característica dessa feira é que ela está sempre em crescimento, como logo iremos destacar.

**Figura 1- Entrada do Parque 18 de Maio**



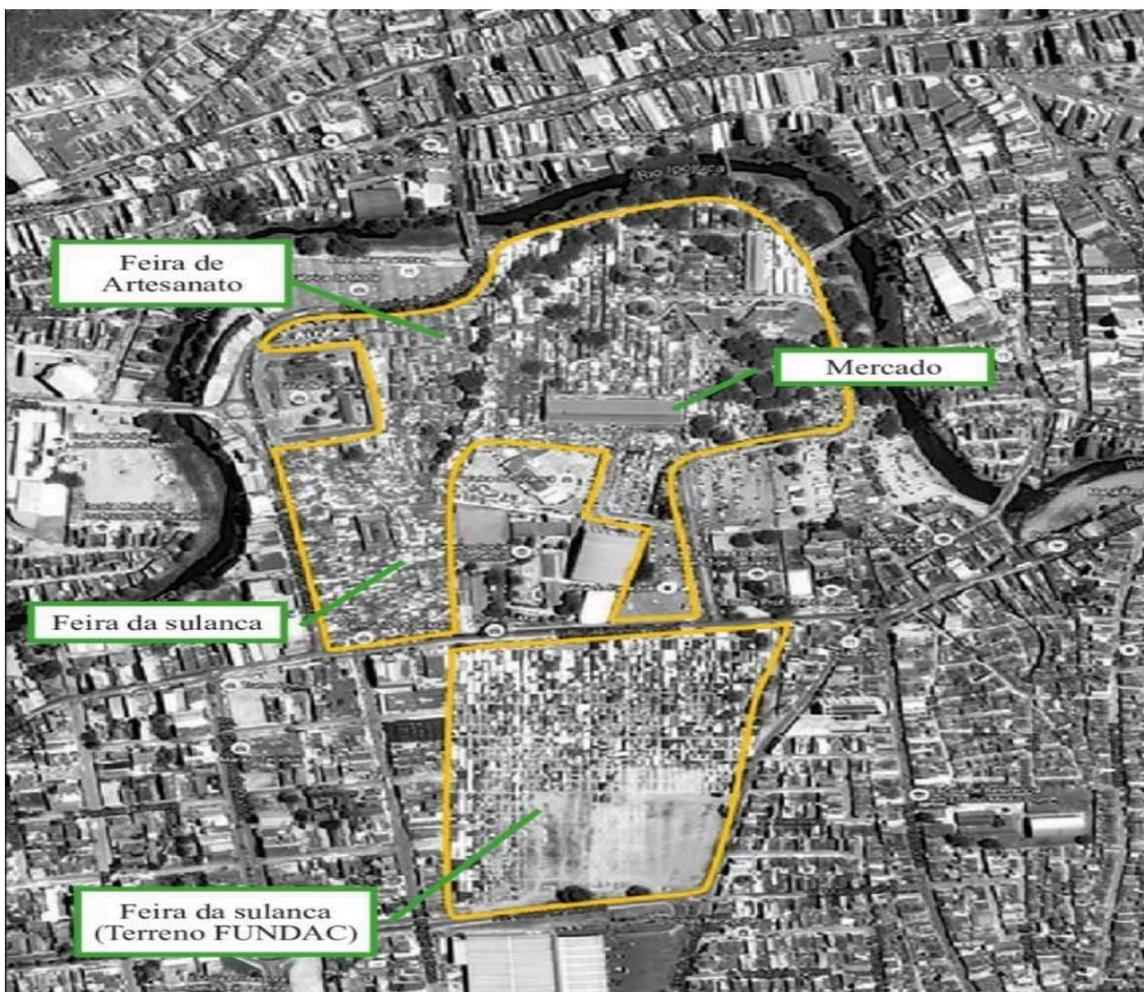
3

**Fonte:** (Acervo pessoal do autor, 2024)

---

<sup>3</sup> Figura 1: entrada do parque 18 de maio (Acervo pessoal do autor, 2024)

**Figura 2- Mapa do Parque 18 de maio**



**Fonte:** Mapa da Feira de Caruaru, parque 18 de maio. Visitado em 18 de outubro de 2024, em:

[https://www.researchgate.net/figure/Figura-19-Perimetro-do-Parque-18-de-Maio-onde-esta-situ-ada-a-feira-de-Caruaru-PE\\_fig13\\_335199068](https://www.researchgate.net/figure/Figura-19-Perimetro-do-Parque-18-de-Maio-onde-esta-situ-ada-a-feira-de-Caruaru-PE_fig13_335199068)

---

<sup>4</sup> O mapa do parque é colocado para a visualização da localização do espaço

## **2. A CHEGADA DE UM PESQUISADOR E SUAS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DA “FEIRA DO TROCA”**

O presente trabalho é caracterizado como sendo de origem etnográfica, quando o pesquisador veio a sair de sua zona de conforto para vivenciar uma experiência nova em um espaço desconhecido por este. Sendo assim, o autor deste trabalho teve a oportunidade de frequentar o espaço feirante por alguns meses, sendo a sua primeira visita no dia 07 de dezembro de 2023 e a última visita em 19 de setembro de 2024.

“Uma etnografia de rua propõe ao antropólogo, portanto, o desafio de ‘experienciar’ a ambiência das cidades como a de uma (morada de ruas) cujos caminhos, ruídos, cheiros e cores a percorrer sugerem, sem cessar, direções e sentimentos desenhados pelo próprio movimento dos pedestres e dos carros que nos conduzem a certos lugares, cenários, paisagens, em detrimento de outros”. (ROCHA, 2003, P. 23)

A “feira do troca” está localizada na cidade de Caruaru, no parque 18 de maio, onde se localizam várias outras feiras. Esse parque foi criado justamente para centralizar todas as feiras da cidade, já que parte do turismo da cidade se baseia nas feiras livres.

Na contramão do que é apresentado por Márcio Sá como um sinônimo de cultura, a “feira do troca” é apresentada como sendo o oposto:

No sentido contrário, o feirante e sindicalista José Carlos da da Silva<sup>1</sup> criticou em entrevista a visão ‘cultura’ que muitos estudiosos destacam na feira, e citou a “Feira do troca” como exemplo. Para ele, o que hoje existe na realidade é a ‘cultura’ da comercialização de produtos roubados, da prostituição de jovens a luz do dia, uma favela constituída as margens do Rio Ipojuca (SÁ, Márcio, 2011, P. 38).

**Figura 3- Letreiro da “Feira do Troca”**



**Fonte:** (Acervo pessoal do autor, 2024)

A **“Feira do troca”** é “marginalizada”<sup>6</sup> pelas autoridades da cidade, além de ser “desvalorizada”<sup>7</sup> pela população, como irei apresentar ao longo

<sup>5</sup> Figura 3: letreiro da “Feira do Troca” (Acervo pessoal do autor, 2024)

<sup>6</sup> O termo “marginalizada” é usado pelos próprios feirantes.

<sup>7</sup> O termo “desvalorização” será apresentado ao decorrer desse trabalho

deste trabalho, esta se localiza nas margens de um rio poluído, cujo nome é rio Ipojuca. Este nome é dado pelo fato dele “nascer” na Cidade de Ipojuca. Geralmente o que é vendido nessa feira são objetos usados como: utensílios de casa, ferramentas de trabalhos, roupas, eletrodomésticos, dentre outros. Além de comidas, sendo vendidas naquele espaço. Um lanche custa em média 10 reais nas demais feiras, nesta o valor cai pela metade. Um objeto novo que normalmente custa 20 reais, nesse local ele é pechinchado por menos da metade do valor original. Outra coisa que chama bastante atenção é como algumas pessoas chamam a feira, de “feira do lixo”. Algumas pessoas relatam que esse nome é dado por seu principal foco serem objetos usados e reciclados.

Como já dada a localização da "feira do troca", agora irei apresentar um pouco da sua configuração. Como as demais feiras do parque 18 de maio, ela é colocada dentro de um cercado envolto por grades. O que se destaca e diferencia a “feira do troca” das demais do parque 18 de maio, é sua extensão. Ela não se restringe apenas no cercado por grades, ela se estende por uma ponte e um calçadão. Dentro do cercado a feira é composta por barracas, como as demais feiras. Já na ponte e no calçadão tem bastante lojas de chão, alguns bancos de madeira dos próprios feirantes, e outros de ferro, alugados pelos feirantes, alocados por uma empresa privada em parceria com a prefeitura municipal.

Pelo lado esquerdo do parque 18 de maio logo enxergamos o rio Ipojuca, na sua margem existe um grande calçadão, onde todos os dias é ocupado por centenas de feirantes, das mais diferentes expressividades. Objetos como sapatos de todas as cores e tamanhos, relógios, que brilham com o contato com o sol, chamando a atenção dos frequentadores. Brinquedos, roupas novas e usadas vemos na maior parte do calçadão. Ferramentas de trabalhos, temos de todos os preços, o comércio de plantas, e livros, que se misturam a todos esses objetos. Temos vitrolas e discos de vinil, (CD's e as fitas K7), além de pen drives e caixas de som. Em meio a esse cenário, amplificadores de som reproduzem músicas de cantores regionais. Através de sacos de nylon, lonas, papelão e até mesmo pedaços de pano, as mercadorias são dispostas e exibidas através de chamamentos dos feirantes para com os fregueses que transitam dentro desse espaço. Outros organizam

seus produtos sobre bancos próprios ou alugados. Alguns feirantes buscam apresentar seus produtos estabelecendo uma certa organização e limpeza. “Para vender por um bom preço precisa ser limpo e organizado”, relatou um feirante. “O pessoal com esses produtos desorganizados e sujos querem vender”, disse o mesmo feirante. O que ele estava falando era da desorganização de produtos, que alguns feirantes não se atentam, pois para eles não têm tanta importância, ao mesmo tempo fica evidente uma certa precariedade no comércio.

Andando um pouco mais a frente vejo a ponte onde as mercadorias são organizadas da mesma forma que no calçadão. Seguindo reto, sem entrar na ponte, me deparo com a comercialização de bicicletas. Ainda, andando mais a frente, vejo uma barraca local de compra e venda de moedas antigas. Caminhando até o final do calçadão tem uma curva, lá consigo enxergar as ruas do “troca”, nessas ruas existe uma diversidade muito grande de lojas, por exemplo casa de rações, lojas de produtos de plásticos, como bacias e baldes, lojas de ervas, de temperos, lanchonetes e até mesmo um restaurante. Boa parte das barracas servem de depósito para os feirantes guardarem suas mercadorias.

**Figura 4 - Barracas e Depósitos da “Feira do Troca”**



<sup>8</sup> Figura 4: A foto apresentada é da parte das barracas da “Feira do Troca” onde ficam os depósitos que servem para guardar mercadorias e também funcionam à venda. (Acervo pessoal do autor, 2024)

**Fonte:** (Acervo pessoal do autor, 2024)

Circulando pela feira, em seu meio está um mercado público de farinha, que fica de frente para a casa da cultura. Ainda dentro da feira é possível ver um armazém de construção, barbearias e lojas que vendem animais.

Localizada na central de feiras, a "feira do troca" é uma espaço independente, funcionando de domingo a domingo. Embora nos dias que funcionam as demais feiras a "feira do troca" tem um fluxo bem maior de pessoas. Mesmo com um público reduzido, há sempre uma circulação de pessoas e dinheiro. Dessa forma, a "feira do troca" é uma das mais visitadas da cidade.

## **2.1 A CHEGADA NO CAMPO DE PESQUISA**

O dia 7 de dezembro de 2023, era só mais uma temporada de férias, só que dessa vez quero seguir um caminho diferente do qual costumo seguir. No meio das férias decidi aceitar o convite de uma parente para passar uns dias na casa dela e ajudá-la em seu banco de café, na "feira do troca", em Caruaru). Iria ser só um mês, depois dois, de repente já tinham se passado cerca de 70 dias, acabou que ficamos até o final das férias.

Essa jornada começou na madrugada do dia 07 de dezembro de 2024, quando acordo e terminei de organizar as malas. Às 04:45 da manhã, saio de casa para pegar o ônibus da feira, que sai de Mari-PB destino Caruaru-PE. O ônibus só saiu depois das 06:00 horas da manhã, por conta do atraso de alguns passageiros. A viagem é muito longa e cansativa, mas eu estava devidamente preparado para gastar este tempo. Como não conhecia ninguém no ônibus, acabei dividindo o banco com uma passageira, mas não tivemos muito diálogo durante toda a viagem. Muitos deles descansavam durante as cinco horas de viagem. Da janela do ônibus observa-se os pequenos povoados e aos poucos a vegetação agrestina começava a aparecer, pouco a pouco.

Depois de mais de cinco horas chego em solo caruaruense. Foi bem emocionante voltar ali depois de quase cinco anos. Desci na "feira da sulanca", eu não sabia para qual lado ir. Ainda bem que minha parente veio ao meu

encontro, estava bem perto dali. logo, chegamos na "feira do troca", onde ela trabalha vendendo café. Cansado da viagem, mas já na ânsia de conhecer o espaço, logo fui passear pelas feiras com Juliano (um amigo da minha parente) e a filha da minha parente. Uma recomendação, que recebi ao chegar, foi tomar cuidado com meus pertences, enquanto estivesse dentro da "feira do troca", e essa foi a forma seguir todas as recomendações. Essa percepção evidenciava a ideia do espaço feirante como algo perigoso. Como estava em um território desconhecido, fui seguindo todas as recomendações. Andamos por várias feiras e pelo centro da cidade.

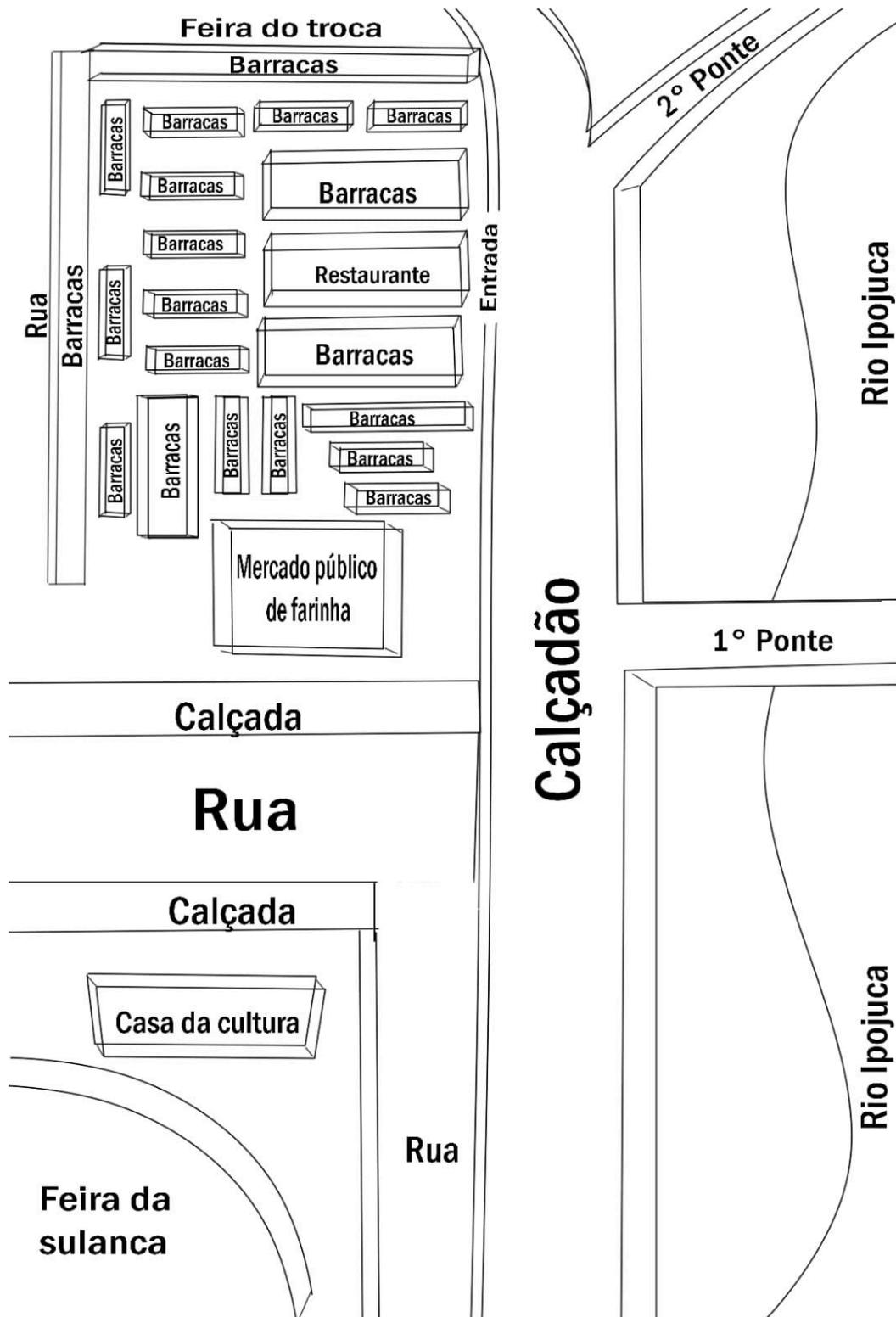
O propósito era ajudar a minha parente no seu trabalho na feira. Então, já tinha que ir me adaptando a sua rotina. Os primeiros dias foram bem difíceis, mas ao decorrer do tempo fui me acostumando. Assim, se deu a minha entrada em campo. O meu intuito era adentrar aquele espaço feirante de modo a me familiarizar com os comerciantes e estabelecer laços de confiança.

A minha chegada teve um estranhamento da clientela, pois todas as pessoas que estavam naquele espaço eram consideradas suspeitas<sup>9</sup>. A "feira do troca" é criminalizada por diversos âmbitos, seja pelo político, policial, populacional e até mesmo pelos frequentadores da feira. Essa feira é muito perseguida pela gestão municipal, existe uma tentativa de impedimento ao crescimento desta localidade e até mesmo da permanência dos que já estão naquele espaço. Em minha temporada na feira, consigo notar alguns fatos que me marcou, irei relatar alguns deles mais a frente. Foram esses fatos que impulsionaram a escrita acerca da "feira do troca".

---

<sup>9</sup> Ser considerado suspeito dentro da Feira é num sentido de "ninguém conhece ninguém", também envolvendo os estereótipos dessa Feira, como serão apresentados no decorrer deste texto.

Figura 5 - Mapa da “Feira do Troca”



Fonte: MELO, Milena, 2024<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Esse desenho de mapeamento foi esboçado pelo próprio autor deste trabalho a partir de uma localização geográfica. Foi desenhado pela designer (MELO, Milena, 2024). O desenho configura uma noção geográfica do espaço da “Feira do Troca”.

**Figura 6 - Pesquisador inserido no campo de pesquisa**



11

**Fonte:** (Acervo pessoal do autor, 2024)

Caruaru se destaca por ser a terra do “maior São João do mundo”, também pela Paixão de Cristo, que é destaque em todo nordeste. Além de se destacar pelo Alto do Moura (produção de materiais em barro), o artesanato, além de sua diversidade de feiras. De tudo que se possa imaginar existe na feira. A feira da sulanca é a mais conhecida de todas, nessa são vendidos

---

<sup>11</sup> Figura 6: Pesquisador se inserindo no campo de pesquisa, desenvolvendo uma forma de trabalho dentro do espaço de Feira. (Acervo pessoal do autor, 2024)

roupas, cama, mesa, banho a preços populares; A feira do Paraguai, onde são vendidos equipamentos eletroeletrônicos; A feira do pássaro, em que são vendidos animais diversos e gaiolas; A feira do artesanato, as feiras de bairros, que são as feiras livres que acontecem em diversos bairros da cidade. Todas essas feiras destacadas acontecem uma ou duas vezes por semana, a que destaco acontece todos os dias, que é a "Feira do troca". Nesta feira vende de tudo e para todos, roupas, calçados, brinquedos, eletrodomésticos, ervas para chás, comidas, como já foram destacados. O que fica evidente é que a "feira do troca" possui uma entrada fácil de comerciantes em seu espaço, fator resultante, em muitas das vezes, de conflito.

A minha chegada ao "troca", como é conhecido, foi bem repentina e marcante para mim. Eu ia quase todos os dias com essa minha parente, no começo não conseguia ajudar muito, porque ainda não tinha uma experiência bacana com o comércio praticado, mas ao decorrer dos dias fui pegando a prática e começando a atender os clientes na barraca de café. O bom de estar naquele espaço era conhecer muita gente nova, além de conhecer um novo lugar. Uma pessoa que me ajudou muito foi a filha da nossa interlocutora, que com apenas cinco anos já sabia andar por quase todas feiras ao redor da "feira do troca". O trabalho infantil é muito frequente na feira, muitas das vezes, associado a noção de "ajuda".

Estar na feira me fez conhecer muita gente nova. Não estar na feira me fez sentir falta de não estar conversando e me divertindo com as pessoas. A feira significava muito para mim, já me sentia parte daquele espaço feirante. De tanto frequentar, a rotina e as pessoas faziam falta em momentos que não fui à feira. A sensação quando inserido em campo era que fazia parte de um grupo, uma família de feirantes. Quando minha parente chega e começa a me atualizar dos acontecimentos do dia e me fala: "fulano e sicrano perguntou por você, pensou que você tinha ido embora, disse que você fosse amanhã". O relacionamento com aquelas pessoas estava passando a ter uma reciprocidade, e sinto isso até hoje quando ligo para a minha parente e ela me fala que o pessoal sempre pergunta por mim e quando voltarei a feira.

No dia 04 de Janeiro é que de fato começo a ter um caderno de campo mais robusto de anotações. Foi nesse dia que decidi registrar um fato que me chamou muito a atenção. O acontecimento, que pude presenciar, é

uma perseguição aos feirantes por parte do poder público. Por volta das 09:50 da manhã, a fiscalização da prefeitura chega ao banco de café (o que estou ajudando a minha parente) e pedem que a dona do banco esvazie o espaço, pois não é permitido colocar bancos no local, eles dizem que <sup>12</sup>se ela quisesse continuar no espaço teria que colocar no chão ou numa carroça, mesmo que suas mercadorias fossem alimentos. O fato começa a gerar um tumulto e várias pessoas se metendo na confusão. A maioria das pessoas, que compõem a “feira de troca”, são famílias, como serão apresentadas nas histórias de vidas, e é da feira que a grande maioria dos feirantes tiram o sustento familiar. As pessoas se comportam como uma “grande família”, uns defendem os outros. Durante o ocorrido várias pessoas se metem na confusão, chegando a dizer que a prefeitura não tem o direito de ficar destratando os cidadãos daquela forma. A confusão demora cerca de 30 minutos, os fiscais da prefeitura vão embora e prometem voltar. Há uma resistência desses feirantes que toma forma nos momentos de conflito.

O que me chama a atenção é que as pessoas relatam que a alguns meses atrás a fiscalização havia passado no local e os mesmos haviam elogiado os feirantes que tinha banco e dito que todos deveriam agir da mesma forma, e dessa vez queriam tirar os bancos, algo que deixou todos bastante confusos. Além do banco do café, eles foram em mais um banco, o que continuou a confusão por mais alguns minutos. Outros fatos parecidos com esse ocorreram antes da minha passagem pela feira, como relataram informalmente os feirantes.

Diante de toda aquela situação que ali havia acontecido, uma coisa que me chamou ainda mais atenção foi a mobilização entre os feirantes, que tinha ocorrido para a defesa de um igual. As demonstrações de afetos acontecem de algumas formas e a “feira do troca”, pude presenciar isso várias vezes. O reconhecimento de pertencimento e as redes de solidariedade são acionadas quando um fator externo interfere nas dinâmicas internas da feira. Isso torna-se notório durante os relatos dos interlocutores, bem como ao decorrer das minhas observações. Pelas conversas que pude ter com muitos dos feirantes e frequentadores da feira, eles me falaram que aquele espaço tem sido um lugar terapêutico e que muitas vezes, estar ali era um “escape”,

---

<sup>12</sup> O local citado no relato é o calçadão que está localizado às margens do Rio Ipojuca.

pois conversando, sorrindo e brincando eles iriam esquecer seus problemas. Alí, na barraca de café, tem sido um espaço de troca muito significativo. Muitos dos frequentadores estavam naquele espaço para conversar, se distrair e se divertir. Indo sem ou com interesse de vender ou comprar, as pessoas frequentavam aquele espaço, o importante era estar ali, foi o que muitos me relataram. Uma coisa que posso destacar são ciclos de amizades, que essas pessoas construíram naquele espaço. A barraca do café passou a ser um lugar de encontro dessas pessoas, fato esse que me deu visibilidade dentro dessa feira, enquanto pesquisador, o que acarretou em uma rede de contatos.

Tive a oportunidade de vivenciar diversas situações naquele espaço, uma gama de pessoas pude me relacionar e construir laços. Foram muitas as vezes que tive vontade de me mudar e ficar morando em Caruaru, mas independente de tudo existia uma vida fora dali. A minha relação de afeto com esse lugar, a feira, presente em todas as cidades de Pernambuco, a partir do uso das ferramentas científicas, abriu-nos um novo olhar acerca desse espaço.

No dia 23 de fevereiro de 2024 foi o dia de me despedir e dizer um até logo a “feira do troca”. Já estava acostumado com aquela rotina. Logo, teria que me adaptar à antiga rotina.

## **2.2 ESTABELECENDO LAÇOS DE CONFIANÇA COM MEUS INTERLOCUTORES: CONSTRUÇÃO DE REDES DE CONFIANÇA E AMIZADE**

No dia 11 de julho de 2024 tive a oportunidade de voltar à “feira do troca”. Depois de mais de quatro meses volto para uma nova temporada. Dessa vez a temporada pretendia ser menor, já que cheguei a poucos dias do retorno às aulas. Cheguei na cidade de Caruaru no dia 11 de julho de 2024, mas só comecei a ir à feira no dia seguinte.

Antes de chegar tive alguns problemas, infelizmente, o ônibus que sai de Mari-PB para a feira não foi, tive que seguir de ônibus de linha. Começamos a minha “aventura” às 05:00 da manhã para pegar o primeiro ônibus, saindo de Mari-PB para Guarabira-PB, que só passou às 06:15, sigo para o primeiro

destino. Às 07:00 horas cheguei em Guarabira, e fui em direção à Campina Grande, onde chego quase 10:00 da manhã. Ao chegar em Campina Grande fui informado que só teria ônibus, saindo de lá para Caruaru-PE, às 15:00 horas. O que restava era esperar, até que apareceu um motorista alternativo, como assim é conhecido, fazendo viagem para Caruaru, demoramos bastante tempo para saber se ia ou não com ele, já que não conhecia ele. Até que acabei indo, confiei e fui. Às 12:00 horas estava chegando em Caruaru, foi mais rápido do que havia pensado. No final acabou que deu tudo certo. Ao chegar peguei um carro de aplicativo, indo para a casa de minha parente.

Voltar a Caruaru depois de uma longa temporada longe dali parece ter sido bom para mim. Foi necessário um momento de reflexão e organização de todo o material coletado. Nessa segunda vez tem sido diferente, é como se já estivesse inserido nessa rotina. O sentimento é que também pertenço aquele espaço. Começar a acordar às 03:00 horas da madrugada novamente é um pouco cansativo, mas torna-se prazeroso ao ter um dia longo e proveitoso.

Dessa vez pude desfrutar dos reencontros que a feira me proporcionou. Quando fui encontrando as pessoas, que a tanto tempo não via, foi bem emocionante e a recepção, que as elas nos proporcionaram tiveram, foi muito significativa. Além disso, pude observar as mudanças que ocorreram na feira, por exemplo; os bancos, que haviam sido proibidos de serem colocados para que os trabalhadores do troca trabalhem, agora estavam sendo colocados novamente; o movimento da feira também estava muito baixo, boa parte dos feirantes pararam de frequentar a feira. Pude dar algumas voltas pela feira e perceber que está com o fluxo de pessoas bem menor que o que tinha a poucos meses atrás.

Parecia que dessa vez olhava nos arredores da feira com um olhar mais atento, isso porque já conhecia aquele lugar, aquele espaço feirante era familiar. Aproveitei bem pouco dessa vez, parece que o tempo passou “voando”, posto que a quantidade de dias foi bem menor do que a outra vez, foram apenas 16 dias. No dia 27 de julho já tive que me despedir e voltar a solo paraibano. A volta foi de carro e demorou cerca de cinco horas.

**Figura 7 - Forma de organização dos produtos**



13

**Fonte:** (Acervo pessoal do autor, 2024)

<sup>13</sup> Figura 7: A forma de organização dos produtos. Segundo interlocutores, a forma de organizar os produtos pode fazer com que ele seja vendido facilmente ou não.

### **2.3 OS PRIMEIROS CONTATOS E VIVÊNCIA EM UM BANCO DE CAFÉ: A INSERÇÃO DO PESQUISADOR NO CAMPO DE PESQUISA**

Os preparativos para a terceira inserção em campo, diferente das outras vezes, começaram bem antes, já que o intuito não é só passar tempo, mas aproveitar e fazer algumas entrevistas para finalizar a pesquisa. O meu intuito é voltar e entrevistar pelo menos quatro pessoas. A primeira é a minha parente que foi quem mais me ajudou nos últimos tempos. Também entrei em contato com outras duas interlocutoras e combinamos as próximas entrevistas. O foco agora seria conseguir ao menos mais uma interlocutora, sendo que não tinha contato, por telefone, com mais nenhuma pessoa, o contato seria direto na feira.

O que tem me ajudado bastante são as redes de amigos da minha parente, pedi a ajuda dela para conseguir contato com mais uma ou duas mulheres que seriam minhas interlocutoras. A ideia inicial era entrevistar mulheres feirantes e compreender suas relações com a feira de troca, bem como a sua trajetória de vida.

Uma coisa que me chamou atenção é a visão que essas pessoas estão construindo sobre mim. Logo que cheguei por lá não fui tão recebido pelos feirantes, com o passar do tempo comecei a comercializar alguns objetos na feira, junto com a nossa interlocutora. Nesse momento alguns começaram a me chamar de feirante. Com o passar do tempo fui desenvolvendo uma relação de confiança com algumas pessoas. Alguns descobriram que sou estudante de licenciatura, logo começaram a me chamar de “professor”. Com o passar do tempo, a feira conheceu mais um pouco de quem sou, boa parte dos feirantes ficam me chamando assim, “professor” e, dessa forma, fiquei conhecido naquela localidade.

Depois de quase dois meses sem vir à “feira da troca”, o dia 16 de setembro foi o dia de voltar à cidade de Caruaru. Reencontros são sempre bons, voltar a feira me faz ter esses momentos de reencontros com as pessoas. Antes de chegar até lá, peguei uma longa estrada. Saindo de Mari-PB às 07:00 horas da manhã, chegando em Guarabira às 08:00 horas, já no horário do ônibus sair. Só que o ônibus ainda não havia chegado, o atraso foi longo, quando ele chegou já passava das 10:00 horas da manhã. Cheguei em

Campina Grande já passava do meio dia, uma pausa para o almoço foi inevitável. Sai de Campina Grande quase 14:00 horas, já que o próximo ônibus só seria as 17:00 horas. Decido ir de carro alternativo. O que fica evidente é o fluxo constante de pessoas e mercadorias para as feiras que ocorrem em todo o agreste pernambucano. Cheguei em Caruaru quase 17:00 horas. A jornada foi longa, mas consigo chegar com tranquilidade.

No dia seguinte, fui um pouquinho mais tarde do que costumávamos ir antes, cheguei na feira já era 07:00 horas da manhã. Chegando lá, me deparamos com uma cena um pouco inusitada. Um homem estava sobre uma carroça com evidências que estava passando mal, relatou ter levado uma “batida de moto”. Populares falaram que foi agressão, no dia anterior ele havia se envolvido em uma “briga de faca”, como assim relatou nossa interlocutora.

Passado o ocorrido, continuei no banco do café ajudando a minha parente. Depois de um tempo fui caminhar pela feira, e consegui realizar uma entrevista. Na entrevista a interlocutora trouxe um pouquinho da sua história de vida e acerca da feira. A entrevista durou cerca de 11 minutos, bem mais curta do que eu esperava.

Depois de caminhar mais um pouquinho pela feira, consigo encontrar uma outra interlocutora, com quem realizei a segunda entrevista do dia. Ela falou um pouquinho mais que a entrevistada anterior, falou cerca de meia hora, trazendo um pouco da sua história de vida e depois em relação à “feira do troca”.

A primeira interlocutora trouxe um pouco da sua vida, depois contou como foi que ela chegou à “feira do troca” e a importância desta para a sua renda familiar, além de falar sobre as formas de trabalhos que existem dentro da feira. Já a segunda interlocutora falou também sobre sua vida, além da importância da “feira do troca”, não só para ela, mas também para todos que dependem daquele espaço. Uma curiosidade, que ele trouxe, foi sobre a organização dos seus produtos, quanto mais organizado for mais o produto é valorizado.

Com o passar do horário, a manhã foi se encaminhando para o final. Não consegui fazer mais nenhuma entrevista, mas pude ter uma manhã de bastante diálogo, foi uma manhã bem proveitosa. Logo foi a hora de voltar para casa e esperar o dia seguinte.

E chegou ao segundo dia de entrevistas. Pela primeira vez as entrevistas foram na casa das pessoas. Como já havia combinado antes, fui até a casa delas, cheguei às 13:00 horas e só voltei às 18:00 horas. Logo que cheguei, entrevistei a primeira interlocutora, que é casada com um dos meus interlocutores, a conversa foi bem proveitosa, demorou quase uma hora. Ela trouxe um pouco da sua história de vida e logo depois chegou às questões de relações de trocas dentro da feira. Depois de encerrar a entrevista do dia, queria logo entrevistar a segunda pessoa, já que estavam na mesma casa. Só que a pessoa nos convidou para sentar na mesa e nos ofereceu um lanche, gesto recorrente, presente nas famílias interioranas, para recepcionar uma visita. Depois do lanche a mesma quis assistir à novela. Só depois da novela que pudemos dar início a entrevista, que durou quase uma hora. Ela trouxe a sua história de vida, e depois as relações de trabalho. Assim que terminou, já no início da noite, voltei para casa da minha parente.

No dia seguinte me apronto e vou em destino a feira. Cheguei na "feira do troca" por volta das 07:20, começo a caminhar pelo calçadão e a reconhecer as mercadorias que estavam expostas naquele dia. Conversei com algumas pessoas no meio do caminho e logo fui até a barraca da minha parente, por lá passei a maior parte do tempo. Fiquei atendendo os clientes que foram chegando no decorrer da manhã. Com o passar da manhã fui caminhar pelo calçadão, comecei a conversar com um interlocutor, a quem peço uma entrevista. Ele é um rapaz que conheço já faz algum tempo, ele não foi muito acolhedor. No primeiro momento se recusou a ser entrevistado, mas depois de tentei explicar, ele topou, só que não quis falar sobre a sua vida pessoal, falou a respeito da sua relação com a feira. A conversa demorou poucos minutos, e aconteceu ali mesmo, no espaço feirante.

Tive a oportunidade de entrevistar uma das minhas principais interlocutoras. Ela falou da sua história de vida, de como chegou até a "feira do troca". Falou também da sua forma de trabalho e os desafios que enfrenta diariamente. A conversa durou cerca de 40 minutos e ela trouxe elementos muito importantes dentro da conversa. Assim que terminou a entrevista já era quase meio dia, ainda tinha uma última entrevista a realizar.

No meio da tarde pude finalmente entrevistar a minha parente, minha principal interlocutora da feira. Com quem pude ter a abertura de conquistar os

ciclos de amizade dentro da Feira. Ela teve uma certa resistência para dar a entrevista, acho que pelo fato da gente ter uma proximidade grande pode ter atrapalhado um pouco. Diante disso, ressalttei novamente o objetivo dessa pesquisa e a confidencialidade das informações prestadas.

No decorrer desses três dias tive a oportunidade de entrevistar várias pessoas, que contribuíram demais com a pesquisa. Também tive a oportunidade de reencontrar alguns amigos que fiz dentro da Feira.

Na realização das entrevistas, muito foi falado quando o gravador era desligado. O gravador parecia intimidar algumas pessoas entrevistadas. Entendo e reconheço que falar sobre a feira envolve assuntos que necessitam fortalecer os laços de confiança já conquistados.

A feira, de maneira geral, é um evento incrível de se viver, e poder estar em campo em um lugar desconhecido, com pessoas que a gente vai conhecendo. As três vezes que estive nesse espaço, foram três experiências diferentes, a primeira foi quando não conhecia ninguém, a segunda já cheguei conhecendo boa parte das pessoas, já essa terceira é como se estivesse em casa.

O outro dia seria da jornada da volta, saio da casa de minha parente às 05:30 da manhã. Somente às 06:30 da manhã saio de Caruaru. Às 10:00 horas cheguei em Campina, só teria ônibus saindo para Guarabira às 11:30, tive que esperar, aproveitei para fazer um lanche. Sai pontualmente de Campina Grande, cheguei em Guarabira já passava das 14:00 horas, às 14:20 consigo pegar o próximo ônibus para a cidade Mari, pouco depois das 15:00 horas cheguei em casa.

## **2.4 ESPAÇO DISPUTADO: “SHOPPING CHÃO<sup>14</sup>”**

Ocupar espaço para a “feira do troca” sempre foi um problema, para uma feira que já funcionou em mais de três lugares diferentes ao longo dos anos. Difícil saber com precisão as datas de fundação e mudança da “feira do troca”, mas

---

<sup>14</sup> “Lojas de Chão” ou “Shopping Chão” são termos usados pelos próprios feirantes da “Feira do Troca” para se referir e descrever a forma que os produtos são organizados no calçadão desta Feira, às margens do Rio Ipojuca.

pude chegar a algumas estimativas a partir de relatos de pessoas com quem tive a oportunidade de conversar um pouco sobre a história da “feira do troca”, durante todos os dias de campo.

Uma das pessoas que pude conversar me contou que está na “feira do troca” há mais<sup>15</sup> de 40 anos (ele disse que não lembra o ano que iniciou nem os anos da mudança), pelas conversas, pude entender que essa feira, ao longo de todos esses anos, funcionou em três bairros diferentes.

**Figura 8 - Calçadão ocupado pelos pelos vendedores**



<sup>16</sup>**Fonte:** (Acervo pessoal do autor, 2024)

---

<sup>15</sup> Não foi possível chegar a datas exatas sobre a criação/surgimento da "Feira do troca" e as suas mudanças de locais que aconteceram ao longo dos anos. Com os relatos, estimativas apontam que a mesma Feira existe há mais de 40 anos.

<sup>16</sup> Figura 8: Espaço do calçadão ocupado pelos vendedores (Acervo pessoal do autor, 2024)

Segundo relatos, a “feira do troca” iniciou no centro da cidade, na rua José Mariano. A feira acontecia nas manhãs de sábados. Hoje esse bairro não é mais o centro de Caruaru, atualmente se chama: Nossa Senhora das Neves. Hoje, nesta rua, existe um *amontoado*<sup>17</sup> de lojas. O segundo lugar onde a “feira do troca” funcionou foi o bairro Salgado, segundo relatos, nesse bairro ela aconteceu por poucos anos, lá ela funcionava nas manhãs de domingos. Hoje no bairro do Salgado tem a feira Livre, que acontece nas manhãs de sábados e domingo. O terceiro lugar onde a “feira do troca” foi funcionar foi no Parque 18 de maio, para que as feiras ficassem mais centralizadas (junto à feira da Sulanca, e da Feira do artesanato), isso ainda durante o primeiro governo do prefeito José de Queiroz<sup>18</sup>. Só que a Feira ainda não estava em um lugar apropriado. Depois de alguns anos aconteceu uma reforma, foram construídas barracas, que hoje são alugadas aos feirantes que ocupavam o espaço pertencente à “Feira do Troca”. Só que a “feira do troca” não ficou centralizada somente nas barras, ela se estendeu em uma ponte e no calçadão, às margens do rio Ipojuca. A feira também funciona ao redor do mercado público de farinha.

Como venha debatendo no parágrafo anterior, as barracas da “feira do troca” são alugadas. Quando acontece a desocupação de uma dessas barracas, logo ela é alugada por outra pessoa, qualquer que tenha o interesse de ocupar. A cobrança do aluguel é feita semanalmente, por funcionários ligados à prefeitura. É pago uma taxa de 50 reais por cada barraca. As barracas variam de tamanho, e preço também, as de 50 reais medem cerca de 2x3 metros, a proporção ocorre de acordo com a negociação de cada feirante.

Quando acontecem as mudanças no espaço feirante como um todo, os mais prejudicados são os feirantes da feira de troca. Segundo relatos, o que a prefeitura busca é a centralização das feiras no parque 18 de Maio, tornando-a um espaço turístico, como de fato é apresentado hoje. O estigma voltado à feira da troca, resultaria na sua retirada como uma estratégia de higienização do espaço feirante, mas isso até agora não ganhou força devido à mobilização dos feirantes.

---

<sup>17</sup> Esse amontoado é uma gama muito grande de pessoas que se aglomeram sobre o calçadão.

<sup>18</sup> Em 1982 José Queiroz de Lima foi eleito pela primeira vez como prefeito de Caruaru, que durou até 1988 e obteve aproximadamente 90% de aprovação popular.

Com o passar do tempo pude perceber que a “Feira do troca” tem autonomia própria, e que ela não precisava de nenhuma das outras feiras para funcionar, é quando a “feira do troca” passa a funcionar todos os dias da semanas, inclusive nos feriados. Com grande ou pequeno fluxo de pessoas, a “feira do Troca” funciona de domingo a domingo, começando pela madrugada e indo até o início da tarde.

Como já havia falado anteriormente, a mudança de espaço não foi bem vista por alguns feirantes pelo pagamento de uma taxa para ocupar barracas. Para resolver o problema alguns feirantes começam a se manter nos arredores desta feira. É o que venho carinhosamente chamando de “crescente do troca”<sup>19</sup>. O nome por ser um lugar que está sempre crescendo, que vez ou outra vai chegando gente nova. Há uma entrada frágil desses feirantes nesse espaço. O “crescente do troca” vem se consolidando por um calçadão às margens do rio Ipojuca, e uma ponte que atravessa o mesmo rio.

A luta por um pedaço de chão é bem evidente e acontece quase todos os dias da semana, às vezes essa luta acaba em discussões ou até mesmo em brigas corpo a corpo. A conquista do espaço também é feita pela validação de frequentadores e feirantes do “Troca”.

Para quem é feirante a luta começa bem cedo, para chegar na feira cedo depois de dormir pouco e trabalhar muito, o feirante pode chegar na feira e não ter seu espaço no chão para exibir suas mercadorias. Observando como vem acontecendo a bastante tempo, alguns feirantes têm espaço validado. E essa validação acontece por aqueles que chegam mais cedo e guardam o espaço que será ocupado por aquela determinada pessoa. E essa retribuição acontece sempre, quando um chega primeiro guarda o lugar dos demais. E mais tarde quando essa pessoa chegar ela vai poder “abrir sua loja no chão” sem nenhum problema. São redes de confiança e solidariedade que foram construídas ao longo do tempo e se mantêm até hoje.

E quando os “intrusos”<sup>20</sup> chegam primeiro e ocupam o espaço a confusão acontece. Os “intrusos ou invasores”, como são devidamente

---

<sup>19</sup> O nome ‘crescente do troca’ foi dado pelo próprio autor deste trabalho. O mesmo se dá por essa Feira se destacar na parte de fora do seu lugar original, se expandindo pelo calçadão e uma ponte. O nome também é dado por essa Feira está sempre crescendo ao longo do tempo, e ao mesmo tempo a chegada de novos feirantes.

<sup>20</sup> Os ditos “Intrusos” são chamados dessa forma pelos próprios feirantes mais antigos. Com um pouco de insistência eles vão sendo incluídos.

apelidados, são aqueles que não trabalham no “troca” ou que não costumam ocupar aquele espaço específico, e até mesmo em alguns casos um feirante que deseja ampliar seu espaço. Quando um de fora chega e tenta tomar o espaço do outro, às vezes ele é expulso, ou cede uma parte do espaço. Quando este não aceita nenhum acordo acaba termina em confusão. Já quando é um que está mudando de espaço, às vezes, essa disputa dura dias, um tentando chegar mais cedo que o outro, até que um dos dois acabe desistindo. E quando é aquele que está desejando ampliar seu espaço, quando a pessoa que ocupa devidamente aquele espaço chega ele acaba cedendo o espaço de volta, e quando a pessoa não faz questão de ter seu espaço de volta o outro acaba ficando devidamente com o espaço.

Essa disputa pelo espaço feirante aumentou depois que os bancos passaram a ser proibidos por fiscais da prefeitura. Quando os bancos eram permitidos, parcela dos feirantes, que alugaram, não tinham problemas com o espaço, pois eles eram colocados na tarde do dia anterior. Essa proibição durou por mais de quatro meses, de janeiro a junho de 2024, quando voltou a ser permitida a colocação dos bancos, poucos feirantes tiveram o interesse de voltar a alugar. Como pude observar, para ser feirante no “troca” existem suas particularidades, problemáticas e desafios. A disputa e a instabilidade instaurada quanto aos seus pontos comerciais passaram a ser uma das principais dificuldades para a permanência na feira. Um fator bastante importante que contribuiu para a desistência de alguns feirantes é a “perseguição”,<sup>21</sup> que os feirantes sofrem pelos fiscais. Mais à frente explicaremos um pouco de como ocorre essa “perseguição” e as consequências que tudo isso provoca. Também é importante ressaltar as relações de confiança que existem dentro da feira, para isso, no próximo capítulo, irei apresentar como se dão as relações de troca e confiança dentro da feira, e como o vendedor ganha o cliente.

---

<sup>21</sup> O termo “perseguição” é usado pelos próprios feirantes, como apareceram mais a frente nas histórias de vida.

### **3. RELAÇÕES DE TROCA: JOGOS COMERCIAIS ENTRE FEIRANTES E CLIENTES**

As relações dentro da “feira do troca”, cujo o nome já diz é uma relação de troca entre feirantes e frequentadores da feira, sejam de mercadorias, favores, dinheiro. É algo além da mera troca racional de mercadoria. Como apresenta BRAUDEL: “Tem-se dito muitas vezes que as feiras são mercados atacadistas, entre mercadores apenas. Isso é apontar-lhes a atividade essencial, mas ignorar, na base, a enorme participação popular. Todos têm acesso à feira” (BRAUDEL, 1998, p. 72).

Como pude observar dentro da “feira do troca”, caracterizada com qualquer comunidade sustentável, a feira livre é muito diversa e as relações de afetividade estão presentes o tempo todo. É muito instigante admirar as relações de amizade que são construídas entre os feirantes e os frequentadores e na “feira do troca”, esse fator é muito evidente.

Dentro da “feira do troca” funciona como se fosse uma grande comunidade, vimos anteriormente a disputa pelo espaço. Consegui entender um pouco de como funciona essa troca de feirante para feirante, quando um guarda o espaço do outro, e de como se dá a inclusão de um novo feirante naquele espaço.

Na pesquisa de campo pude evidenciar as relações de afeto, o ato de reservar primeiro o espaço feirante é uma das relações que evidenciamos anteriormente. Também quando um leva algo (presente, favores) e presenteia o outro, ou até mesmo quando um insiste em pagar o café do outro. Esse último exemplo foi o mais comum que tive a oportunidade de presenciar durante toda a pesquisa de campo.

O ponto de apoio que tive durante o campo era uma barraca de café, então foi onde passei mais tempo, como foi relatado logo nos primeiros parágrafos. Geralmente chegavam em grupos, todos tomavam café, realizavam as refeições diárias. Quando era a hora de pagar a conta havia uma grande disputa, todos insistiam em pagar, até que um pagava e todos seguiam. O dar, receber e retribuir era um fator que se perpetuava nesses encontros pontuais. No outro dia era da mesma forma, e isso se repetiu quase todos os dias em que estive presentes na feira.

**Figura 9 - Vendedor de CD's dialogando com cliente**



22

**Fonte:** (Acervo pessoal do autor, 2024)

<sup>22</sup> Figura 9: Vendedor de CD's dialogando com um de seus cliente que costuma frequentar seu banco quase que diariamente (Acervo pessoal do autor, 2024)

A relação entre cliente e vendedor chama bastante atenção. Existe tipos de clientes, sejam eles o “cliente turista”, que aparece de vez de vez em quando, o “cliente novo”, que geralmente aparece apenas uma vez, o “cliente fiel”<sup>23</sup>, que é aquele que volta sempre a comprar ao mesmo feirante. E é justamente esse último que os feirantes priorizam. “Tu sabe que aqui é coisa boa, e quando é bom eu guardo pra você”. É com esse tipo de fala que o feirante ganha o cliente e faz com que ele volte sempre. “Você demora a aparecer, mas quando aparece comprar bastante coisa, gostei de você, vou te dar um desconto”. A ideia de desconto é algo que sempre conquista o cliente. Posso também aqui falar da valorização das mercadorias, mas no próximo tópico irei falar sobre esse fator.

Também é de suma importância falar de como ocorre a precificação dos produtos, que será mais bem explorado no próximo tópico. Mas aqui poderemos fazer uma breve introdução ao assunto. O que pudemos observar nas relações comerciais da “feira do troca” é que geralmente os preços são dados na hora, no instante da negociação, é aí que o jogo da troca acontece, geralmente levando em consideração o perfil de cada cliente, dada a observação do feirante. Um exemplo claro é o cliente fiel sendo o mais valorizado pelo feirante, pois cria uma rotina na feira, consolidando sempre o espaço para a barganha ou mesmo o “fiado”, dada a confiança estabelecida. Também consegui entender como ocorre a negociação de um produto, como no diálogo que iremos apresentar no próximo tópico, ou até mesmo nas falas dos próprios feirantes que iram ser apresentadas nas histórias de vida.

### **3.1 A (DES) VALORIZAÇÃO<sup>24</sup> DE PRODUTOS: O VALOR É DE ACORDO COM O INTERESSE DE QUEM VAI COMPRÁ-LO**

A desvalorização de produtos é bem evidente e bastante comum em toda a “feira do troca”, produtos novos ou usados são muito desvalorizados

---

<sup>23</sup> Esses três tipos de clientes apresentados no texto: “Cliente turista, cliente novo e cliente fiel” foi dito por um feirante em um diálogo que tivemos dentro da Feira, quando perguntamos se eles preferiam algum cliente e se eles tinham algum desconto especial.

<sup>24</sup> O termo (DES) VALORIZAÇÃO está escrito dessa forma por tratar da valorização e da valorização de produtos. Por ter um duplo sentido o “des” é escrito entre parênteses.

pelos “pechinchadores” ou “barganhadores”. “Pechinchar<sup>25</sup> ou barganhar<sup>26</sup>” é uma tradição de negociação, muitos dos vendedores vêem seus produtos serem desvalorizados por estarem no chão. Se estiver sobre um banco ele vale mais do do que o produto que está no chão, apesar de se tratar do mesmo item.

Uma coisa que pude aprender durante todo esse tempo foi que o produto nunca é o valor que o vendedor está pedindo, você sempre pode fazer seu lance e ficar negociando com o vendedor. Se o vendedor estiver de bom humor você acaba comprando um produto por um preço bem acessível, seu dinheiro pode render e você acaba levando bem mais do que tinha ido à comprar.

“Você nunca pode pedir o valor que pretende vender o produto, tem que ser um valor um pouco mais alto que o normal, ou que você pretende vender, se o cliente colocar preço começamos a negociar, essa é uma das estratégias de venda”, nos relatou um feirante do “troca”.

Nos finais de Feira o que vemos é muitos produtos serem abandonados pelos feirantes, como disse uma frequentadora da feira: “vamos catar<sup>27</sup> o que de bom estiver nessas tuias<sup>28</sup>”, se referindo aos produtos abandonados pelos comerciantes e sempre aparece quem queira, aqueles que só vão no final procurar as coisas que ninguém quis.

Mas também existem aqueles que sabem o valor de seu produto, e não vendem pelo preço da pechincha, e acaba levando para casa. Voltando a trazer o mesmo objeto para muitas outras feiras. Com o tempo eles acabam vendendo pelo valor que estavam pedindo ou um valor aproximado.

Uma coisa que vi ganhar muito valor foram os livros. Como bom amante de livros que sou, fico sempre de olho para adquirir mais um. Quando cheguei na feira vi que os livros usados eram vendidos a um preço bem abaixo do que normalmente são vendidos em acervos ou livrarias. O que me chamou

---

<sup>25</sup> “Pechinchar” é um termo usado para se referir a negociação de produtos, que geralmente é feita por quem vai comprar algum produto na Feira.

<sup>26</sup> “Barganhar” é um pouco mais complexo do que “pechinchar”, não envolve só a questão de compra e venda mas a relação de trocar um produto por outro.

<sup>27</sup> “Catar” é um termo usado pelos próprios feirantes da “Feira do troca” é para se referir ao ato de procurar objetos a serem aproveitados.

<sup>28</sup> As “tuias” como são ditas pelos feirantes e frequentadores dessa Feira é para se referir a um grande amontoado de mercadorias devidamente abandonadas, ou simplesmente a uma grande quantidade de objetos.

bastante atenção e me fez adquirir dezenas de livros. Quando me ofereciam um determinado livro e que me agradava, fazia com que eu pagasse o valor sem pechinchar, até porque no início eu não sabia pechinchar, posto que nunca estive em um espaço como esse. Aos poucos fui aprendendo, e entendendo como funcionava as vendas naquela feira específica.

Ao decorrer dos dias percebi que alguns vendedores entenderam o valor que esses livros tinham para mim, leitor e amante de livros, que não era o mesmo que tinha para eles. E eles começaram a me vender livros no valor que eles tinham para mim, e não mais ao contrário. Quando venho perceber já estava caindo no encanto do vendedor<sup>29</sup>.

- Quanto custa esse livro? (perguntei ao vendedor);
- 15 Reais. Respondeu ele;
- Vou pagar 5, falei ao vendedor;
- Se quiser é 15 reais! respondeu o vendedor;

Passamos bastante tempo negociando, sem saber aonde essa negociação iria levar. Para um leitor de livros que sou o livro tinha esse valor<sup>30</sup>, mas não eu podia entrar no jogo do vendedor. Foi aí que tive a ideia de fingir desistir da compra:

- Tá bem, vou deixar para o próximo. Falei ao vendedor e acabei fingindo ir embora;
- Eu deixo por 12, falou o vendedor;
- Só pago cinco. Eu falei ao vendedor;
- Eu ainda deixo por 10 reais. Disse o vendedor;

O laço entre o vendedor e comprador não poderia ser desfeito, foi assim que encerrou o jogo da troca com o último lance do feirante. Acabou que a compra do livro foi fechada nos 10 Reais. Quando fiz o pagamento e estava indo embora o outro vendedor que estava junto perguntou a ele por quanto tinha me vendido o livro. Ele respondeu: “vendi por 10 Reais”, o outro meio sem acreditar falou: “tudo isso”?, ele respondeu: “sim, a mercadoria valorizou! Antes ninguém queria, agora custa caro”.

---

<sup>29</sup> Esse diálogo de negociação foi vivido pelo próprio pesquisador enquanto negociava um livro com um feirante do “troca”. Dessa forma conseguimos entender o valor como se dar um valor de um produto de acordo com o interesse de cada um.

<sup>30</sup> O valor do livro se dá por quem está interessado em comprá-lo, já o preço é dado por quem deseja vendê-lo a partir do valor que esse produto ganhou pelo interesse de tal comprador.

Depois desse fator de valorização pude perceber que a minha caça aos livros fez com que eles ganhassem valor significativo na feira. O estabelecimento do valor se deu de forma dialética, estabelecida pelo valor que aquela mercadoria tinha para mim. Antes eles não tinham tanto valor e aos poucos foram sendo valorizados no jogo das trocas. Com o tempo passei a não procurar tanto pelos livros como antes. Só que as pessoas passaram a vir até mim com livros para que comprasse. Dessa forma, pude perceber que o valor do livro é também para quem vende, não somente para o comprador. Eles poderiam vender seus livros a qualquer preço e qualquer pessoa, mas muitos preferiam vender a quem valoriza o produto, não pelo fato de pagar mais, mas pelo fato de vender a seus clientes fixos.

Outro produto que vi subir o preço foram os discos de vinil. Parece ser um pouco difícil de encontrar, mas na “feira do troca” tem aos montes. De todos os tipos, para todos os gostos, Roberta Miranda, Amado Batista, Alceu Valença, Elba Ramalho, Daniel, Roberto Carlos, Fafá de Belém, entre outros. Grandes nomes da música popular brasileira eternizados em discos de vinil, que são vendidos a “preço de banana”<sup>31</sup>. Um vinil com capa pelo valor de cinco reais parece ser um preço acessível, e os sem capa a dois reais. Acabei adquirindo alguns para meus colegas que trabalham com arte em vinil, transformando-os em um quadro de artes. Depois que fiz algumas compras, vi que esses produtos ganharam valor para a pessoa que estava vendendo. O que gerou uma valorização do produto.

---

<sup>31</sup> Preço de banana é um termo usado para se referir a algum produto quando está muito barato.

**Figura 10 - Pesquisador adquirindo livros**



32

**Fonte:** (Acervo pessoal do autor, 2024)

Dentro da Feira é muito evidente a questão da pechincha e da barganha, como já foi apresentado. A pechincha é um termo utilizado quando envolve uma questão de negociação. Já a barganha tem o mesmo sentido, mas também engloba a questão de troca de produtos, de feirante para feirante, ou feirante para cliente. Como estou aqui apresentando a “Feira do Troca”, irei utilizar o termo barganha ou barganhar.

---

<sup>32</sup> Figura 10: Pesquisador adquirindo livros que são comercializados dentro da “Feira do Troca” (Acervo pessoal do autor, 2024)

A barganha dentro da “feira do troca” tanto ocorre de feirante para feirante quanto de feirante para cliente ou vice versa. É muito comum e evidente presenciar um feirante do “troca” negociando com outro algum produto que será vendido posteriormente. E essa posse se dá pela compra ou a troca de um produto por outro.

O barganhar, mais ligado aos clientes, envolve mais a questão de negociação, como evidentemente foi mostrado neste trabalho. O vendedor pede um valor que nunca será pago por aquele cliente. Nos diálogos de negociação pudemos presenciar Feira adentro, um produto sendo avaliado no primeiro preço que o vendedor deu de 50 reais sendo vendido por 10 reais. Isso porque até os clientes que compram uma mercadoria dentro dessa feira podem vender mais a frente, como é de costume acontecer dentro da “Feira do troca”. Vi um pouco de como ocorre essa caracterização de negociações de compra e venda.

Uma pergunta que posso fazer a mim mesmo, quando estou dentro da “feira do troca” é de onde vem tantos produtos, com essa diversidade tão ampla? Essa também foi uma das perguntas que pude fazer nas rodas de diálogo com as feirantes. Muitas das mercadorias vêm da reciclagem, por isso a caracterização do termo “feira do lixo”<sup>33</sup>, como apresentada neste trabalho. Boa parte vem de doações, que chegam através de pessoas do seu conhecimento ou não. Pude presenciar um casal chegando em um carro e doando várias mercadorias para um feirante do “troca”, pessoas desconhecidas que só queriam se desfazer desses produtos decidem não jogar no lixo, preferiram fazer uma doação para que esse feirante venha a vender. Mais uma boa relação também ajuda na sobrevivência dos feirantes mais humildes do “troca”. Como aquelas pessoas que já levam doações certas para essas pessoas. Um tipo de produto que chama a atenção são as cestas básicas, que, geralmente, essas pessoas ganham em alguma ação social e vão vender na feira. Alguns julgam por eles estarem vendendo esse tipo de mercadoria, outros vão e compram. Também existem aqueles produtos que são vendidos entre os feirantes e vão circulando por toda feira.

---

<sup>33</sup> O termo “feira do lixo” é um termo usado por alguns frequentadores desta Feira. E chamam dessa forma por boa parte dos produtos virem da reciclagem.

Aqui pude apresentar um pouco sobre as negociações de produtos de onde eles vêm, e alguns dos seus destinos finais. Um outro fator que não poderia deixar de falar é sobre a rotação de mercadorias que perpassam dentro dessa feira. Parece que para cada produto tem seu dono, e para cada horário existe um tipo de circulação de produtos diferentes. E principalmente de um público diferente. Irei aprofundar esse assunto no tópico seguinte.

### **3.2 NO CAÇAR DO BACURAU: CADA MERCADORIA TEM SEU DONO E A SUA ESPERA**

Acordar cedo não é fácil, mas tem suas vantagens. Como um verdadeiro Bacurau<sup>34</sup>, que sai a noite fazendo suas caças, saem os compradores e vendedores de “mercadoria boa” durante as madrugadas. A feira começa bem cedo, bem antes do sol nascer. Chegar cedo, às vezes, parece perigoso, para outros parece muito vantajoso. E essa vantagem pode acabar logo ao nascer do sol, quando o Bacurau voltar para casa, e o verdadeiro dono do acordar. O bacurau como o caçador, e o verdadeiro dono seria a pessoa que foi roubada.

Durante as madrugadas na feira aparecem alguns “usuários de drogas”. Segundo relatos de feirantes, esses “usuários” aparecem como muitos produtos em perfeito estado, e a preço de revenda e este tem ânsia de vender seu produto o mais rápido possível, o que gera muita estranheza a quem vai comprar determinado produto<sup>35</sup>, quando você sabe que seu produto tem um valor maior você não vai vender para o primeiro que aparecer. Daí vem a suspeita de procedência. Se o produto foi adquirido de maneira legal, um vendedor comum espera até mais tarde para vender seu produto para alguém que saiba o valor que ele realmente tenha.

Quando o produto realmente tem uma certa disputa compra quem chegar primeiro. De tudo aparece, como tv, celular, computador, botijão de gás, garrafa de café, ferramentas de trabalho, entre outros, para todos os

---

<sup>34</sup> O Bacurau é um pássaro noturno, fazendo a suas caças a noite. Esse termo é usado por alguns feirantes para se referir a quem chega à Feira ainda na madrugada.

<sup>35</sup> A desconfiança de comprar esses produtos existe entre os feirantes, por eles já suspeitarem da procedência desses produtos. Muitos dizem que os produtos são roubados, mas até que se prove o contrário todos são suspeitos.

gostos e estilos. E a venda da mercadoria boa acaba antes do nascer do sol. Muitos dos feirantes, com pontos fixos, reclamam da insistência dos “usuários” para que eles comprem seus produtos. Geralmente eles não compram por já suspeitarem da procedência de cada mercadoria. Às vezes alguns compram e acabam não tendo um final feliz.

Quem atua bastante na feira é a polícia, sempre que a polícia está não é coisa boa. Geralmente ocorrem muitas ocorrências policiais, quando estes aparecem eles têm alvo certo, já vão direto, sem perder tempo. Os policiais que vem provar a procedência dos produtos, muitas das vezes, são provados que são procedentes de furtos, e o verdadeiro ladrão não aparece, aquele feirante que está comercializando os produtos que assume os riscos.

No nascer do sol a feira começa a ficar mais movimentada, gente por todos os lados, em todos os cantos da feira. Alguns em busca de algo,<sup>36</sup> que desapareceu de sua casa e, às vezes, acontece de encontrar, quando encontra ele vai embora e volta com a polícia. Quando a polícia aparece está feita a confusão, a prisão é feita e esse feirante é levado à delegacia, depois de uma fiança ele volta para casa. Casos como esse acontecem com bastante frequência, mas às vezes podem ser uma mudança de rota. Um caso com esse desenrolar aconteceu com um feirante que havia comprado uma caixa de ferramentas a um “usuário de drogas” e acabou sendo preso. O caso chamou bastante atenção dos populares, o que fez o feirante preso se sentir envergonhado e deixar de trabalhar no local. Depois do caso, ele relatou que se sentiu envergonhado com toda a situação, e que não iria mais trabalhar ali, e foi o que realmente aconteceu.

Pude então perceber que comprar produtos de qualquer pessoa pode parecer perigoso, e uma hora ou outra você pode se dar mal, como foi o caso desse feirante e de muitos outros. Porém, às vezes se dão bem, e se dar bem é o que faz com que essas pessoas continuem vendendo, pois terão um mercado consumidor ativo e bem atuante naquela localidade.

---

<sup>36</sup> Essa busca que é falada no texto foi relatada por algumas pessoas que se dizem vítimas de roubos ou furtos.

**Figura 11 - Abordagem policial**



37

**Fonte:** (Acervo pessoal do autor, 2024)

---

<sup>37</sup> Foto 11: Polícia militar abordando frequentadores da “Feira do Troca” (Acervo pessoal do autor, 2024)

#### **4. (DES) CRIMINALIZANDO A FEIRA: UMA DESCONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO POPULAR SOBRE A “FEIRA DO TROCA”**

Uma coisa que não posso deixar de ressaltar é o preconceito que existe sobre a procedência das mercadorias comercializadas dentro da “feira do troca”. É notório salientar que predominam no espaço feirante relações informais, baseadas na confiança e amizade. Não havendo uma procedência das mercadorias ali comercializadas. A grande circulação de mercadorias e dinheiro não captura quantas mãos passaram nessa mercadoria. Ao mesmo tempo é possível encontrar narrativas que destacam a procedência das mercadorias em alguns registros: “Eu sempre compro tudo com nota fiscal, todos meus produtos são legais. Eu guardo a nota de tudo”, disse um feirante vendedor de ferramentas de trabalho em uma discussão com seus clientes.

“Meus produtos não são roubados não, meu senhor”, disse um feirante depois que um comprador barganhou seu produto em um valor bem abaixo da média que ele costuma ser vendido. Casos como esses, apresentados aqui, fazem com que existam vários discursos sobre a feira. Dessa forma, inicio o debate sobre a criminalização e das práticas e sentidos assumidos.

Estou falando em criminalização em um sentido popular, sentido esse que se baseia no preconceito diário, esse que é enfrentado pelos feirantes da “feira do troca”. Antes de passar a conviver na feira carregava comigo essas percepções sobre esse espaço feirante, naturalizando certos estigmas, que se modificou quando desnaturalizava essas narrativas marcadas por estigmas e passei a conhecer a feira de maneira científica.

O estigma, que é colocado nesse espaço, é associado ao “lugar de bandidos”, onde “só se vende roubo”. Essa visão é bem eminente tanto pela população quanto pela polícia e pela prefeitura, como irei relatar no próximo tópico. Adentrando essa feira foi possível quebrar com essa ideia naturalizada e enxergar que existem um universo simbólico amplo com um imaginário próprio. Iremos apresentar algumas histórias de vidas no próximo capítulo, que será possível entender um pouco mais da descriminalização da feira e a rotina de alguns feirantes. Logo, também irei apresentar um pouco do estigma construído, desconstruído e reproduzido neste espaço feirante, através das trajetórias de vida dos nossos interlocutores. Enfatizamos que muitos desses

estigmas são produzidos por sujeitos sociais externos à feira. Há uma percepção do outro marcada por processos contínuos de estigmatização. Isso me faz colocar uma questão importante: Como essas feirantes se veem e como elas são vistas? Através da trajetória de vida buscarei enfatizar como essas visões são construídas.

#### **4.1 A PERSEGUIÇÃO<sup>38</sup>: UMA VISÃO APRESENTADA PELOS FEIRANTES, PRESENTES DENTRO DA “FEIRA DO TROCA”**

Falar em perseguição parece meio aterrorizante. Não só parece como é muito desgastante para quem enfrenta a perseguição diária, realizada pelos fiscais da prefeitura e a polícia civil, como relataram alguns feirantes. Andando só ou em pequenos grupos, “lá vão eles, os homens de verde exibindo seu crachá”, disse um frequentador da feira para os fiscais. É notório a reação daqueles que gostam, também os que odeiam, mas o que não posso negar é que quando um desses profissionais aparecem deixam os feirantes nervosos. E é deles que irei falar um pouco nesse primeiro momento.

A fiscalização de todas as feiras é feita por fiscais concursados ou contratados pela prefeitura, geralmente eles só andam em grupos. As histórias que ouvimos sobre eles não são boas, e as pessoas possuem uma certa repulsa à presença deles no espaço feirante. Agora irei contar algumas dessas histórias.

<sup>39</sup>Era uma manhã comum, a feira do dia era a da sulanca. Um vendedor de laranjas estava com seu carrinho de mão, em mais um dia de vendas, quando menos se espera aparece um grupo de fiscais, eles pedem que o vendedor de laranjas se retire daquele lugar, pois ali não era apropriado para ele vender suas mercadorias. O vendedor se recusa a ir embora, e logo passa a ser tratado com violência. De início, violência verbal, com o calor do momento ocorreu violência física. Logo, começaram a chegar populares e a confusão foi ganhando proporção, até que um dos fiscais pegou o carrinho de mão e virou no meio da feira, o que chamou a atenção de todas as pessoas ao redor. Até

---

<sup>38</sup> Perseguição é um termo utilizado pelos próprios feirantes.

<sup>39</sup> A História do vendedor de laranjas foi contada por vários feirantes. O autor deste trabalho a partir da escuta de várias narrativas sobre a mesma história fez uma junção de narrativas desenvolvendo uma única narrativa.

que a polícia chegou lá e parou com o tumulto. O homem perdeu sua mercadoria, entrou com um processo e depois de alguns meses recebeu quatro mil reais de indenização”. Esse relato foi feito por um feirante do “troca”.

**Figura 12 - Cobrança de taxa pela fiscalização**



40

**Fonte:** (Acervo pessoal do autor, 2024)

“Depois dessa confusão, envolvendo os fiscais, a população de feirantes, que já tinham um pé atrás com esse grupo, ficou ainda mais receosa

<sup>40</sup> Figura 12: Fiscais da prefeitura fazendo cobrança de taxa na área das barracas da “Feira do Troca” (Acervo pessoal do autor, 2024)

com eles.” disse o mesmo feirante. Já a população dos feirantes do “troca”, aqueles que comercializam suas mercadorias no chão, vivenciam essas situações com certa regularidade. Vez ou outra esses fiscais entram em conflito com algum feirante. Nos dias de sábado, principalmente quando é o dia de maior movimento, os feirantes que não chegam muito cedo acabam perdendo o espaço no calçadão, e terminam indo para a calçada do outro lado da pista ou ficando no próprio asfalto. Quando isso acontece e os fiscais retiram as pessoas desse espaço tido como inapropriado, o que acaba gerando bastante conflito.

“Uma causa que gera bastante tumulto é quando os fiscais passam a querer que os feirantes retirem os bancos”, relatou um feirante. O que gera bastante conflito, como o caso da barraca de café, que apresentaremos um pouco mais a frente nas histórias de vida. E até mesmo a proibição do aluguel de bancos, que era feito por uma empresa particular ligada à prefeitura. Uma proibição, que com um tempo depois foi revogada, e os bancos passaram a ser colocados novamente.

Outro grupo, que não posso deixar de falar são os policiais civis que atuam diariamente na “feira do troca”, chegando a pé, de viatura, motocicletas ou na cavalaria eles sempre chamam a atenção por onde passam. Em duplas ou grupos, raramente veremos um deles sozinho.

Os policiais a pé, geralmente, são os que vão averiguar os celulares e mercadorias consideradas suspeitas. Geralmente todos somos suspeitos, eles pedem o celular de todo mundo. O que pode parecer preconceito, mas não existe um perfil exclusivo que eles vão pegar e averiguar o celular da pessoa. Homem, mulher, negro, branco, novo ou velho, meio que não existe exceção. O que me surpreendeu é que nunca fui abordado por um desses policiais, já passei por eles e eles por mim várias vezes, eles me olham e não falam nada.

Às vezes acontece de uma abordagem gerar prisão, quando eles pegam algo suspeito de roubo. Quando isso acontece, os policiais nas viaturas entram em ação, levando essa pessoa até a delegacia. Parece tradição, sempre que a viatura aparece eles levam uma ou mais pessoas presas. Para nós, essas apreensões quase que semanais revelam também a tentativa de marcar simbolicamente a presença nesse espaço feirante.

O grupo de policiais motorizados geralmente aparecem em algum tipo de perseguição policial ou ronda motorizada. Parecido com os policiais da cavalaria que aparecem à paisana, deixando os cavalos com apenas um dos policiais andando pela feira a pé.

Diferente dos fiscais, os policiais têm um certo respeito e reconhecimento de autoridade pelos populares da feira. Alguns feirantes chegam a se oferecer para pagar o café da manhã desses policiais, o que não acontece com os fiscais.

Outro grupo, que não posso deixar de falar, é a imprensa oficial, que é quem mostra tudo na TV e transmite muitas notícias das feiras através das rádios comunitárias. O que é perceptível é que a imprensa local reforça a ideia de a “feira do troca” como um lugar de crimes e vendas de coisas ilícitas, o que acaba crescendo ainda mais a visão e o preconceito sobre os feirantes. Geralmente quando a “feira do troca” é manchete de TV é quando algo ruim aconteceu.

“O que passa na TV sobre a feira é tudo de ruim, se acontece um crime a arma veio do ‘troca’, se alguém no ‘troca’ vai preso, é passado na televisão. Ninguém ver passando nada de bom da Feira, sempre que mostram é algo ruim. Tudo de ruim é a Feira do Troca”  
(Interlocutora Manuela)

Diferente do que faz a imprensa oficial, a imprensa não oficial são os *youtubers* e blogueiros que circulam na feira mostrando aos seus seguidores os produtos ali comercializados.

E é por meio dessas visões construídas e desconstruídas que é feito o conceito ou preconceito da “Feira do Troca”. Muitas pessoas têm medo de passar naquela feira por conta das informações depreciativas transmitidas pela imprensa oficial, enquanto que há um movimento de desconstrução dessa imagem pela imprensa alternativa.

Quisemos aqui indagar um pouco sobre como essas autoridades estão inseridas nas feiras, o respeito e admiração que eles carregam e até mesmo a ideia de perseguição, que algumas pessoas acabam sofrendo. Os personagens dessa história já apareceram em alguns dos capítulos anteriores e continuaram aparecendo nos capítulos posteriores, como é o caso dos fiscais que apareceram nas histórias de vida. Além da visão construída e desconstruída da

“feira do troca”, sobretudo, o medo e a curiosidade construída através daqueles que constroem e desconstroem o que é a feira.

## 4.2 NUMA BARRACA DE CAFÉ: NOS BASTIDORES DA FEIRA

Entrar na rotina do outro, para mim, também é um jogo de trocas, principalmente a rotina de um feirante que vivencia aquele espaço da feira quase todos os dias. Rotina essa que Manuela<sup>41</sup> segue há mais de dois anos. Observar e seguir essa vivência, que é participativa, foi muito desafiador para mim. O desafio maior foi me adaptar à rotina de dela, a qual pude acompanhar durante todo esse tempo de pesquisa. Ela vai à feira todos os dias (exceto algumas segundas-feiras, que é seu dia de folga). A semana, geralmente, começa na terça-feira, onde ela já prepara os bolos na tarde do dia anterior. Dorme parte da tarde e as 02:00 horas da manhã começa a preparar os cafés. No máximo, às 05:00 horas da manhã ela já está chegando na feira. Às 11:30 volta para casa para preparar o almoço e leva a filha à escola às 12:50. Quando chega em casa, por volta das 13:30, ela aproveita para “tirar um cochilo” até às 15:00 horas. Assim que acorda ela vai ao mercado e prepara os bolos, para que antes das 16:45 ela esteja livre para ir buscar a menina na escola. Quando chegar, ela vai fazer alguns serviços domésticos. Seu filho Jorge<sup>42</sup>, de 14 anos de idade, ajuda<sup>43</sup> a fazer alguns desses serviços, ele estuda o dia todo, então não tem tanto tempo para ajudar em casa. Ainda, durante o início da noite Manuela faz alguns serviços domésticos antes de dormir. Antes das 20:00 horas ela já está deitada, pois no dia seguinte ela segue a mesma rotina. Essa rotina não muda até a quinta, no turno da tarde. No início da noite da quinta-feira é que as coisas começam a mudar, ela vai dormir um pouco mais cedo, pois às 23:00 ela já tem que estar de pé para fazer as coisas do outro dia. 03:30 da manhã ela já está se preparando para sair de casa em destino à feira. Às 04:00 horas da manhã é a sua chegada na

---

<sup>41</sup> Manuela é um nome fictício para se referir a uma feirante que pudemos acompanhar a rotina.

<sup>42</sup> Jorge também é um nome fictício, esse para se referir ao filho de Manuela.

<sup>43</sup> O trabalho feito por menores de 16 anos dentro e fora de casa é caracterizado como “ajudar” por não ser de certa forma um trabalho legalizado, mesmo sendo fora de casa o mesmo seria caracterizado como “ajuda”, por não ser maior de 16 anos.

feira, onde monta a barraca e logo começa a atender os clientes até às 11:00 da manhã.

Perguntei a Manuela por que na sexta-feira ela vai tão cedo, ela me respondeu que a sexta-feira e o sábado são os melhores dias para ganhar dinheiro, sendo o certo chegar o quanto mais cedo possível. Às 11:00 horas da manhã, segue a mesma rotina, deve voltar para casa para fazer o almoço e levar sua filha Laura<sup>44</sup> para escola. Em dias mais cansativos, Manuela opta por não fazer o almoço, e prefere comprar quentinhas para não almoçar tão tarde. Ela leva sua filha para a escola às 12:45, chega às 13:30, tira um cochilo até as 15:00 horas, para fazer algumas coisas antes de ir buscar Laura, e a sexta-feira vai seguindo. Indo dormir cedo novamente, para acordar às 23:00 horas, Manuela segue em sua rotina. O que ela faz no sábado é bem parecido com a sexta-feira, a diferença é que neste dia não tem hora para chegar em casa. Geralmente chega no início da tarde, depois das 12:30, quando chega procura descansar. Como não tem aula para Laura, sua mãe tira a tarde para dormir. No meio da tarde ela acorda, prepara as coisas para levar no domingo, faz alguns serviços domésticos e volta a dormir.

No domingo ela levanta depois das 03:00 horas da manhã, chega na feira por volta das 05:00 horas, fica até as 11:00 e logo volta para casa. Geralmente, à tarde, Manuela vai passear com seus filhos e Marido. Quase todos os domingos eles vão ao sítio da família de Januário<sup>45</sup>, que fica na zona rural de Caruaru, cerca de 40 minutos de carro. Então, parte do domingo fica destinado ao lazer. Manuela consegue descansar um pouquinho no domingo.

Geralmente, na segunda-feira, Manuela não vai à feira, o que seria o dia do descanso é o dia de limpar a casa. Ela faz todos os serviços domésticos, e no início da tarde ela vai levar sua filha Laura para a escola. No meio da tarde ela deve fazer os bolos, para comercializar na terça-feira. No início da noite ela vai dormir, pois logo mais inicia-se a rotina

O pouco tempo que fiquei na casa dela tive a oportunidade de acompanhar de perto sua rotina e sentir o dia a dia de uma feirante. Uma rotina bem cansativa e limitada. Ela todos os dias vinha seguindo da mesma forma, seguindo todos os horários, quando não acontecia algum problema. Em meio a

---

<sup>44</sup> Laura é um nome fictício para se referir a filha de Manuela

<sup>45</sup> Januário é um nome fictício para se referir ao Marido de Manuela

essa rotina puxada aconteceram alguns problemas, como o fato dela e dos seus filhos ficarem doentes ou terem alguns acidentes domésticos, entre outros problemas que pudemos presenciar. De tal forma podemos entender um pouco do que é a rotina de uma feirante. Vimos que não é só estar na feira, mas nos bastidores existe todo um preparo.

**Figura 13 - Ponto X: A barraca de café**



46

**Fonte:** (Acervo pessoal do autor, 2024)

<sup>46</sup> Figura 13: Barraca de café, ponto de apoio do pesquisador (Acervo pessoal do autor, 2024)

Diante de toda a correria do dia a dia e as diversas situações que Manuela enfrenta, ela tem alguns sonhos. Ela sonha em viver em uma rotina menos cansativa e em um trabalho formal, de uma forma que ela possa fazer o possível para que seus filhos tenham um bom futuro, como conseguir sair do aluguel para sua casa própria. Manuela nos relatou que começou a trabalhar bem cedo, trabalhava com seu pai e tomava conta de seus irmãos, por ser a mais velha dos nove irmãos, sempre teve responsabilidades. O que também acabou gerando sua saída de casa muito precoce. Ela relatou que também se tornou mãe muito cedo, o que só aumentou suas responsabilidades.

Para mostrar um pouco mais da rotina do que é ser feirante, no próximo tópico pretendo contar um pouco da rotina de algumas das feirantes do troca, mas antes disso irei contar um pouco da história de vida de cada uma dessas pessoas até chegarem a "feira do troca", mostrar o que elas passaram antes de chegar até ali, depois mostrar um pouco de seus desafios diários, e em seguida mostrar um pouco da perspectiva de cada um, na condição de feirante.

Conseguí conversar com três mulheres com uma diversidade de histórias possíveis. As três mulheres estarão aqui representando as pessoas que fazem a "feira do troca", apresentando as perspectivas de trabalho que existem. Essas histórias serão apresentadas no capítulo seguinte.

## 5. HISTÓRIAS DE VIDA: O SER HUMANO POR TRÁS DA FIGURA DO FEIRANTE

Quando estou falando de pessoas e muitos casos de pessoas, é possível trazer essas pessoas para que falem sobre as suas realidades, como é o caso desse trabalho que estamos apresentando. Nessa parte do trabalho irei apresentar histórias de pessoas e a ligação que elas têm com esse lugar que estamos aqui discutindo.

Segundo Ecléa Bosi a história oral é uma riqueza, podendo ter várias versões de uma mesma história, trazendo vários pontos de vista. Como apresenta BOSI: “A memória oral, longe da unanimidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contrários, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza”. (BOSI, 2013, P.15)

No caso deste trabalho as histórias são contadas pelo ponto de vista do nativo, as próprias feirantes que estão trazendo suas histórias e realidades vivenciadas dentro da “feira do troca”. Nas feiras livres há um grande fluxo de pessoas diariamente, geralmente alguns rostos não vejo mais de uma vez. Mas existem aqueles que marcam e aquelas pessoas que apenas passam. Tendo aqueles que apenas passam, também é notável aqueles que voltam.

Estou aqui falando daqueles que frequentam a feira, agora irei falar um pouquinho daqueles que fazem-a, daquelas que estão nos bastidores, que constroem a feira, daquelas, o qual conseguem o pão de cada dia, daquelas que exalam a feira, estamos falando das feirantes. Vamos agora entender um pouco da rotina delas.

Sempre chego à feira sem preocupação, geralmente só vou lá procurar algo para comprar, compro e volta para casa. Já olhou para uma feirante e pensou: o que essa pessoa passou para chegar até aqui? Às vezes é um pouco disso que devemos fazer, se colocar no lugar do outro. Como já apresentado no capítulo anterior, o que está na rotina de um feirante.

Lidar com o público não é nada fácil, tem dias e dias, pessoas e pessoas. “não é pra qualquer um acordar na madrugada e no final da manhã

está levando desaforo<sup>47</sup> de cliente chato pra casa”, disse uma feirante. Como soube de alguns feirantes, “não é sempre que estamos dispostos a levar desaforo para casa”, mas é preciso ter calma, pois é dali que vem o sustento da família. “Respira e segue em frente, é o que temos que fazer”, falou uma feirante.

Aquelas pessoas, que trabalham com comida, geralmente acordam bem cedo para o preparo dos alimentos que são vendidos no meio da madrugada até o final da manhã, além dos que são preparados na hora.

Também é curioso saber como as vendedoras de objetos usados conseguem tantas peças diariamente, procurei compreender como essas pessoas conseguem esses objetos. Descobri que existem várias formas de conseguir. As doações é um modo de conseguir objetos, muitos já são conhecidos, e esses conhecidos já separam coisas que não usam mais e dão para que elas possam vender, como boa parte são catadoras e catadores acabam enfatizando algumas pessoas que também separam esses objetos que são doados. “Catar lixo”<sup>48</sup> também é uma das maneiras de conseguir objetos, o que evidencia outras redes de trabalhadores, que são os catadores de materiais recicláveis. Uma outra maneira é a compra, que acontece na própria feira ou fora dela.

Como pude apresentar, esse capítulo é todo construído a partir de falas femininas. Decidi trazer apenas três perfis diferentes com o intuito de promover uma diversidade de trabalhos presentes na “feira do troca”. São três histórias de mulheres que estão dentro desta feira há mais de dois anos, como é o caso da que chegou mais recentemente neste espaço.

A escolha em trabalhar apenas com histórias de mulheres veio a partir do olhar em serem minoria, em questão numérica, dentro dessa mesma feira. A primeira história a ser contada é de uma vendedora de café de 32 anos de idade, que está na feira há pouco mais de dois anos. A segunda história a ser contada é de uma garota de programa, de 33 anos de idade, que está na feira há mais de quinze anos. Já a terceira história a ser contada é de uma

---

<sup>47</sup> “Desaforo” se refere à desrespeito. A escolha em usar essa palavra se dá a partir do uso dela quando feirantes estão falando sobre pessoas desrespeitosas, como por exemplo: “pessoas desaforadas”, que seria o mesmo que “pessoas desrespeitosas”.

<sup>48</sup> “Catar lixo” é uma expressão usada dentro e fora dessa Feira para se referir ao costume de procurar e vender reciclagem.

vendedora de objetos novos e usados de 56 anos de idade, que está na feira há mais de cinco anos.

## 5.1 HISTÓRIA I: A VIDA DE MANUELA

Mulher, negra e nordestina, nascida em 19 de dezembro de 1991, na cidade de Olinda, município de Pernambuco, Manuela seria apenas a primeira filha dos nove filhos de sua mãe. Sendo a irmã mais velha, ela sempre teve muitas responsabilidades, cuidava de seus irmãos, quando seus pais iam trabalhar na agricultura. Ao mesmo tempo, que cuidava dos irmãos mais novos, ela também tinha a responsabilidade de estudar e trabalhar. Vindo de uma família pobre, a primeira casa que a família possuiu foi construída por eles mesmos. José<sup>49</sup>, pedreiro, e Maria<sup>50</sup>, dona de casa e trabalhava no campo, junto com seu marido, juntamente a sua filha mais velha, Maria e José construíram a sua primeira casa com o objetivo de não pagar aluguel.<sup>51</sup>

<sup>52</sup>“A minha infância sempre foi trabalhar. Desde de cedo trabalhei com meu pai nas festas, vendendo bebidas, doces e outras coisas. Eu sempre vendia coisas na rodoviária, junto com meu irmão. A gente sempre sobreviveu de vendas. Depois ia para o roçado com a minha família. Desde sempre eu lembro que trabalho”

Conforme Manuela ia crescendo suas responsabilidades só aumentavam. Logo, aos 10 anos de idade ela começou a trabalhar nas festas de rua com seu pai, nas cidades circunvizinhas. Ela cresceu na cidade de Mari, município da Paraíba, e viajava para cidades vizinhas como, Sertãozinho, Caldas Brandão, Sapé, entre outras, durante as festividades de cada cidade. Quando não estava em época de festa, ela vendia água, dindin, pipocas e outras guloseimas, com um de seus irmãos, de segunda à sexta-feira na rodoviária de Mari, no sábado era na feira livre. Essas várias estratégias laborais mobilizadas tinham como objetivo ajudar a sua família. Chegou a vender rifas com uma de suas irmãs, sempre vendendo nas feiras.

---

<sup>49</sup> José é um nome fictício dado ao pai de Manuela

<sup>50</sup> Maria é um nome fictício dado a mãe de Manuela

<sup>51</sup> A História de vida está disponível no podcast: Etnografia de Feira, o canal é apresentado nas fontes deste trabalho.

<sup>52</sup> As citações trazidas nessa história de vida são de nossa interlocutora Manuela.

Manuela também precisava estudar, pena que a sua vida escolar foi interrompida exatamente no nono ano do ensino fundamental. Justamente pela maternidade ter chegado muito precoce em sua vida. Aos 18 anos de idade, Manuela teve seu primeiro filho, Jorge. Teve que parar de estudar para cuidar do seu filho, quando ela menos esperava já era mãe e dona de casa.

Depois que se tornou mãe, Manuela enfrentou algumas dificuldades, passou a viver com ajuda dos seus pais e do pai do seu filho. O relacionamento dos dois não durou muito tempo, antes da criança completar um ano de idade eles já haviam se separado. Com a separação Manuela volta para a casa de seus pais. Com o apoio de sua mãe, ela chegou a conseguir trabalho e assim manteve condições mínimas de sobrevivência para a sua família, que conseguia levantar uma renda mínima para o sustento da família. Chegou a entrar em alguns relacionamentos amorosos, que não deram tão certo. Com uma vida muito difícil no interior da Paraíba, Manuela procura melhores condições de vida para o seu filho.

Em 2014, Manuela recebeu o convite de sua prima para trabalhar em sua casa na cidade de Caruaru, como ela estava procurando melhores condições de vida, acabou indo. Com o passar do tempo ela vai se estabelecendo na cidade. Depois de um ano acaba entrando em um relacionamento com Januário, com quem ela vem construindo atualmente uma história a mais de dez anos.

Ela arrumou empregos informais ao longo desses anos. Quando ela entrou no relacionamento com Januário, ele trabalhava como segurança. Ela então passou a trabalhar com ele nesse mesmo trabalho por algum tempo. Manuela arrumou um emprego de babá, dessa vez de carteira assinada, ficou nesse emprego por dois anos (2016-2018), seu ofício era cuidar de três crianças com outras duas mulheres, companheiras de trabalho. Manuela só saiu do emprego quando ficou gestante pela segunda vez. Depois do nascimento de Laura, Manuela se dedicou aos cuidados de sua filha. Manuela, seu marido e filhos se mudam para a zona rural de Caruaru no final de 2019. Nesse tempo que vão morar no sítio um local bastante isolado, que isola ainda mais no início de 2020, quando o mundo passa pela pandemia do COVID-19. Ficando ainda mais isolada e sem visitar a família no interior da Paraíba, por mais de dois anos. Manuela acabou entrando em depressão. Ela ficou nesse

estado por bastante tempo, quando decidiu voltar para a Paraíba. No meio do ano de 2021 ela voltou para a cidade de Marí, ficou quase um ano com a família, quando no início de 2022 ela decidiu voltar para Caruaru.

Voltando para Caruaru, desta vez ela decide não voltar a morar na zona rural. Ela decide querer aprender a costurar, sua sogra o ensinou. Esse registro mostra a transmissão de conhecimento de geração em geração, algo muito presente nas unidades de produção de roupas populares, a sulanca. Ela passou alguns meses ajudando a sogra em um fabrico<sup>53</sup> de roupas. Só que ela não se reconhecia nesse trabalho. Ainda em 2022, Manuela decidiu trabalhar na feira, tendo a ideia de vender café. Com duas garrafas de café ela começou a vender na feira da sulanca, somente nos dias de feira, que geralmente são dois dias por semana. Ela ficou nessa feira por alguns meses quando começou a sofrer perseguição dos fiscais, logo decidiu parar de vender. É quando ela decidiu migrar para a "Feira do Troca".

“Comecei a trabalhar na feira devido às dificuldades da vida, a falta de dinheiro, sem ter dinheiro para nada. Começamos a trabalhar na feira vendendo roupas usadas e sandálias, depois comecei com uma garrafa de café. Fui aumentando, antes de aumentar mesmo, ainda no começo uma pessoa veio bateu na minha garrafa e quebrou, fiquei muito triste, deu vontade de desistir, mas continuei. Comecei a comprar minhas garrafas de café, toda semana ia aumentando. Graças a Deus hoje estou com quase quarenta garrafas e vendo meus bolos, hambúrguer, refrigerantes, água e outras coisas.”

Ainda era 2022 quando Manuela começou a fazer seus primeiros clientes na "feira do troca", ela ia duas ou três vezes por semana. Quando ela vai conquistando a clientela e aquele trabalho passa a ser sua principal renda, decide ir mais vezes por semana e passou a ir seis dias por semana, aos poucos ela vai conquistando o respeito de todos. Manuela parecia estar em sua melhor fase da vida.

“Graças a Deus já tenho meus clientes, e é assim que eu sobrevivo, mantenho minha casa e minha família graças à ‘feira do troca’. Meu marido trabalhava comigo quando vendia roupas, depois que mudei para o café ele passou pouco tempo na feira comigo. Agora ele trabalha de servente de pedreiro”

---

<sup>53</sup> Fabrico ou facção são nomes dados a fábricas que fazem roupas.

Como muitas outras pessoas que trabalham na feira, Manuela tem uma rotina bem comprometida tendo que se dividir entre a Feira, os afazeres domésticos e cuidar de sua família.

“Meu dia é muito cansativo, me levanto uma hora da manhã para fazer o cafézinho, termino quatro horas da manhã, ajeito a menina e levo comigo. Ela passa o dia comigo no banco do café, quando termina a feira venho para casa e faço alguma coisa para ela comer, ajeito ela e levo para a escola. Venho da escola para casa a pé, demoro cerca de vinte minutos no percurso. Quando chego começo a fazer os serviços de casa, para logo fazer os bolos para vender no outro dia. Antes tenho que ir buscar ela na escola. E é assim a semana toda. É muita correria, agora que estou tirando a segunda-feira para folgar, antes eu não tirava.”

Com o passar do tempo Manuela se estabeleceu, com bastante foco na feira, ela tinha tudo para voltar a melhorar. Até que de repente começam a aparecer novos personagens nessa história. Mais uma vez os fiscais começam a protagonizar, e vão dando enredo a essa e outras histórias.

“ Aqui em Caruaru a perseguição é grande, com todos os comerciantes. Eles apreendem mercadorias, levam e você fica no prejuízo. Você fica sem saber o que fazer, sem ação, porque você não sabe o que fazer, porque não pode trabalhar, a prefeitura de Caruaru é uma perseguição muito grande com os comerciantes da cidade”.

A fiscalização<sup>54</sup> dentro da "feira do troca" acaba sendo recorrente pela quantidade de relatos que pudemos coletar dentro e fora dentro e fora desta feira. Assim, os fiscais retornam a história de Manuela.

"Já passei por duas situações de perseguição, a primeira foi quando os fiscais queriam que eu colocasse as mercadorias no chão, o que eu vendo é comida, eu não poderia colocar as coisas no chão. A segunda, que foi quando eu já deixava meu banco e minha tenda armados na feira, foram a noite arrancaram e levaram tudo, sem nem me comunicar. Até hoje não conseguir recuperar os bancos"

Desde a última perseguição que Manuela relatou ter sofrido, ela ficou triste e com vontade de desistir de trabalhar na "feira do troca". Esse fato que Manuela relata ter passado ela só teve conhecimento na manhã do dia 06 de agosto de 2024, quando chegou a feira. Segundo relatos, era noite do dia 05 de agosto de 2024, já se passava das 22:00 horas, quando chegaram fiscais da prefeitura, dessa vez armados. Pelo horário o banco não estava sendo usado. Segundo testemunhas, eram vários homens e logo que chegaram começaram a arrancar a tenda que estava fixada ao chão, com auxílio de quatro madeira. Ao mesmo tempo, tiram os bancos que estavam um acorrentado ao outro, ao todo eram quatro bancos, dois de Manuela, os outros

---

<sup>54</sup> Aqui iremos fazer um relato presenciado durante a vivência durante esta pesquisa. Relato esse que a entrevista passa a sua visão do acontecimento. No dia 04 de janeiro de 2024, acontece um fato que nos chama a atenção e revolta os populares da "Feira do Troca". No acontecimento que pudemos presenciar é possível notar a perseguição que os feirantes sofrem e a demonstração de afeto que os feirantes têm uns com os outros, mesmo em momentos de tensão. Por volta das 09:50 da manhã ocorreu um fato lamentável. A fiscalização da prefeitura chega ao "banco de cafezinho" e pedem que a dona das mercadorias esvazie o espaço, pois não é permitido colocar bancos no local (calçada às margens do Rio Ipojuca), eles dizem que se ela quiser continuar no espaço teria que colocar toda a mercadoria no chão ou numa carroça, sendo que as mercadorias que ela vende são comidas. O fato começa a gerar um tumulto e várias pessoas vão aparecendo e se metendo na confusão. A maioria das pessoas que compõem a "Feira de Troca" são mães e pais de família, como é o caso de Manuela, que tem dois filhos, e é da Feira que ela tira o sustento da família. As pessoas se comportam como uma grande família, uns defendem os outros. Durante o ocorrido, várias pessoas se metem na confusão e dizem que a prefeitura não tem o direito algum de ficar destratando os cidadãos de bem daquela forma. A confusão demora quase uma hora, os fiscais da prefeitura depois de ver que o caso estava gerando uma grande confusão vão embora e prometem voltar. O que nos chamou a atenção é que as pessoas relatam que a alguns meses antes a fiscalização havia passado no local e havia elogiado as pessoas que tinham banco e dito que todos deveriam agir da mesma forma, colocando um banco, e agora queria tirar os bancos, algo que não faz tanto sentido. Além do banco do cafezinho, eles implicam com mais um banco, o que fez continuar a confusão por mais alguns minutos. Logo, os fiscais vão embora da Feira.

dois de seus colegas da feira. Terminaram de arrancar tudo, colocaram no carro e levaram embora. As duas pessoas que presenciaram a cena relataram que não puderam fazer nada, pois, “eles estavam em maior número e armados, só pudemos observar de longe”, relatou um frequentador da feira. Na madrugada do dia 06 de agosto de 2024, Manuela faz tudo normalmente para ir a mais um dia de trabalho. Só que de normal esse dia não tinha nada. Quando Manuela chega na feira às 05:00 da manhã se depara com uma das piores situações que ela já havia passado em seu ambiente de trabalho. Dos bancos só restaram o espaço, da tenda sobraram alguns pedaços. Manuela não sabia o que fazer, ficou em estado de choque, só restava chorar, até que um dos feirantes emprestou seu banco para que Manuela usasse naquele dia. E assim que Manuela foi montando seu ambiente de trabalho. Januário, seu marido não trabalha mais, normalmente ele deixa ela na feira e segue para o trabalho. Outras duas pessoas que ficaram de apoio foram dois colegas que também tiveram seus bancos levados, ficaram lá tomando conta das coisas para Manuela e Januário irem tomar providências do ocorrido. As duas testemunhas relatam o que havia acontecido, logo, Manuela e Januário vão procurar onde estão as coisas. Conseguiram localizar, sem muito sucesso, mas encontram parte das mercadorias jogados em um local que pertence à prefeitura da cidade.

No amanhecer do dia aparecem pessoas que vão se revoltando com a situação e dando ideias de como proceder com a situação. Paulo é uma pessoa bastante conhecida em toda cidade de Caruaru, formado em jornalismo e trabalhando com mídias sociais e divulgações, ele tem um bom relacionamento com a mídia local. Um feirante bem conhecido da cidade pergunta se pode chamar a imprensa para fazer uma matéria levando o caso ao noticiário de Pernambuco. Manuela sem saber muito o que fazer concorda com a ideia dele. Logo depois a imprensa chega ao local e começa a noticiar o caso, o que gerou bastante conhecimento sobre o caso. Manuela também falou que irá recorrer ao ministério público.

Com o futuro mais incerto do que nunca, Manuela voltou para casa no final da manhã sem saber se iria voltar ou não para a feira no dia seguinte. Mais uma vez, impulsionada a desistir de trabalhar na "feira do troca", Manuela disse não saber mais o que fazer para sobreviver.

Mais uma vez insistindo, Manuela não desistiu da feira, já que esse foi o melhor meio de sobrevivência que ela disse ter encontrado. Sua barraca e seu banco não foram devolvidos, mesmo depois da grande repercussão que gerou nas redes sociais, e até a promessa de ganhar um banco novo, não passaram de promessas. Então ela teve de alugar um banco que é alugado por uma empresa particular em parceria com a prefeitura. Empresa esta que já falamos sobre, anteriormente, a que foi impedida de atuar na "Feira do troca". Agora ela foi permitida novamente. Manuela conseguiu alugar o banco todos os dias, antes só podia alugar na sexta-feira e no sábado, sendo agora alugado todos os dias. E, dessa forma, Manuela consegue se manter na feira.

Com o passar do tempo ela volta a rotina e tenta se restabelecer após o ocorrido. Quando menos se esperava, em 20 de setembro de 2024, Manuela teve seus bancos devolvidos. Ela relatou ter ido algumas vezes em busca dos bancos, sem muito sucesso. Quando nesse dia ela conseguiu finalmente recuperar.

Manuela relata não se ver longe da feira, um dia longe da Feira é um dia estranho. Ela está na "feira do troca" há mais de dois anos. Durante todo esse tempo foi construída uma relação cotidiana com seus clientes e colegas de trabalho. Longe da família a mais de dez anos, com visitas regulares uma vez a cada ano, ela construiu uma relação de amizade com várias pessoas dessa feira. Como disse um dos feirantes "somos uma grande família", onde um ajuda o outro e todo mundo se protege. Os ciclos de amizades são bem importantes dentro de todos os espaços, como relata nossa interlocutora:

"Tem muitas pessoas que eu gosto lá na feira, muitas mesmo. Roberto e Cícero são, por exemplo, duas pessoas que eu gosto muito. Sempre me ajudam, trocam dinheiro, ficam pela Feira. Sempre tem pessoas que eu gosto". Eu sempre guardei espaço para o pessoal, sempre que eu puder ajudar eu ajudo também"

Como foi apresentado a pouco, a questão da disputa de espaço, os ciclos de amizades influenciam nessa logística. Uma outra coisa que nos chama a atenção é a visão do espaço, como algumas pessoas que passam pela feira chamam a "feira do troca" de "feira do lixo", muitos que estão nessa feira não gostam de ouvir essa expressão, como é o caso de Manuela.

“Eu me sinto mal quando falam ‘feira do lixo’, pois é de lá que eu tiro o meu sustento, é de lá que eu arrumo as coisas para a casa, para sobreviver. É da ‘feira do troca’ que vem o sustento de casa”

A organização da economia da família é muito importante para todas as pessoas, principalmente para aqueles que não tem um salário fixo, como é o caso das pessoas que são comerciantes. Para os feirantes não é diferente, se não tiver uma boa organização pode acabar havendo um descontrole da economia de toda a família. Manuela relata de como ela faz essa organização:

“Existe uma organização diária, não tenho como tirar o dinheiro de comprar os alimentos de casa todo de uma vez. Um dia eu compro um fubá, no outro um açúcar e assim vai. Para fazer as compras de uma vez não dá, sempre tem que tirar aos pouquinho. Compra alguma coisa para comer, comprar um gás, pagar uma conta de luz, um remédio, alguma coisa para as crianças e assim por diante.

Como pude observar, a estratégia de organização deve ser literalmente seguida para não haver esse descontrole. Todas as decisões são tomadas bem pensadas para que nada passe despercebido. Uma outra coisa que pode comprometer parte do lucro de um comércio é o salário de pessoas que trabalham naquele lugar. No caso de feirantes todos que ajudam é evidente que ganhem algum dinheiro pelo trabalho que é feito. No caso de Manuela esse fator não exerce tanta influência.

“Hoje não tem ninguém me ajudando, antes um senhor me ajudava só que ocorreram algumas coisas que fizeram com que não trabalhasse mais comigo. Dou graças a Deus pela ajuda que ele me deu, ele me ajudava a montar e desmontar o banco e olhava as coisas quando eu precisava sair. Ele não está mais porque as condições não dão mais. Hoje mesmo eu estou trabalhando sozinha.

Uma boa organização pode fazer com que os gastos sejam previstos e organizados. No caso de Manuela, existia uma pessoa que trabalhava para ela, como as condições de lucros não ofereciam possibilidades de pagar a uma mais, Manuela teve que dispensa-lo. O que limitou bastante a sua organização da feira, pois ela não tem mais quem a ajude e possa tomar conta do empreendimento comercial, caso ela precise sair.

Outra coisa que é possível destacar em um comércio é de como estabelecer os preços nas mercadorias. Na feira do troca existe uma diversidade de produtos, então é notável que exista uma diversidade de

preços. As estratégias também são diferentes de feirante para feirante, já que nem todos vendem as mesmas coisas, por exemplo, quem vende roupas usadas é diferente para quem vende comida, como é o caso de Manuela. O caso de barganhar, por exemplo, não acontece muito com quem vende comida.

“Na comida não existe essa coisa de colocar preço, mais as vezes ainda aparece algumas pessoas que querem colocar preço nas minhas comidas, só que eu não vendo. Já existe um preço fixo. Mas sempre aparece um com fome, eu ajudo, dou um bolo, alguma coisa para comer.”

Até mesmo na comida é notável uma relação com a barganha, por se localizar em um lugar onde a barganha é predominante. No que se refere a venda de comidas, existe um preço fixo, por ser decorrente de todo preparo envolvendo o manuseio e compra semanal de materiais para a produção final, relato que descrevemos nos capítulos sobre os bastidores da Feira.

Um outro fator que é bastante evidente nos espaço da “feira do troca” é a relação de conforto entre os feirantes, que compõem os vários espaços da feira, principalmente dos feirantes, que não tem barracas ou bancos, que estão localizados no calçadão e na ponte, como apresenta Manuela:

“Não tem conforto nenhum, na beira do rio, que às vezes tem muito fedor. E as pessoas ficam no chão, as pessoas passam na calçada e pisam nas mercadorias. Quem está nesse espaço são pais de família que não tem trabalho adequado, que não tem algo melhor é o jeito viver ali. Vivem assim, sem conforto nenhum, tudo desorganizado”.

O desconforto é evidente e notável por todos aqueles que fazem parte da “feira do troca”, as pessoas, que estão trabalhando ali, relatam que estão trabalhando em um local totalmente desapropriado e sem nenhum auxílio ou ajuda dos órgãos municipais competentes. Ao mesmo tempo relatam estarem ali por não terem uma outra forma de trabalho.

Para quem vive comercializando dentro da “feira do troca” já tem estratégias de vendas e de compras, como é o caso de Manuela, ela já sabe os dias de maior e menor fluxo de pessoas, como ela trabalha com a venda de comidas os cálculos dos gastos são calculados pela sua vivência com o trabalho feirante.

“Os dias de maior fluxo de pessoas são sexta-feira, sábado e domingo. Esses dias são mais movimentados, as vendas são melhores. Nesses dias tem a Feira de verduras, frutas, carnes que é no sábado, a da Sulanca que é na sexta-feira, que vende roupas. E no domingo o movimento é bom porque o comércio está todo fechado. A pessoa que não tem onde ir, vai para essa Feira, tem feiras em outros bairros, mas no parque 18 de maio só tem a Feira do Troca. Para mim, os melhores dias são o sábado e o domingo”.

Como pude perceber, a “feira do troca” é uma espaço devidamente independente, mesmo sendo localizada em um parque, composto por várias outras feiras, só que existe uma incógnita que não pode deixar de ser destacada, que é os dias que estão acontecendo outras feiras. Nestes dias o público dessa feira é bem maior. Mas não podemos deixar de reconhecer que ela funciona de domingo a domingo, sem parar nos feriados. E inclusive o domingo está acontecendo apenas essa feira no Parque 18 de maio, dia em que o fluxo de compradores é maior, como relatou Manuela.

Existe toda uma organização, por parte dos feirantes, para que essa feira aconteça todos os dias da semana, só que essa organização não tem auxílio nenhum dos órgãos públicos.

“Para a organização da feira eu daria nota zero, não existe nenhuma ajuda da prefeitura, o que eles fazem é prender a mercadoria das pessoas e não deixar elas trabalharem. Poderiam colocar bancos para melhor organizar, todos pagariam, já baixa assinado. Desde que estou pagando o banco não vinham mais mexer comigo”.

Como relatado por uma de minhas interlocutoras, não existe uma certa colaboração de órgãos públicos, que deem algum tipo de assistência aos feirantes evidenciando que a solução para resolução dos conflitos seria se alocar nos bancos comerciais alugados pela iniciativa privada.

Mesmo já havendo algumas movimentações sem sucesso, sem apoio dos órgão públicos, os feirantes se apoiam uns nos outros e resistem aos problemas e instabilidades presentes na feira.

O espaço da feira faz bem para as pessoas que estão lá, como alguns relataram em ser um espaço terapêutico, Manuela, uma de nossas interlocutoras, relata que está conversando com as pessoas na feira já faz muito bem para o seu emocional.

“Me sinto bem de estar no espaço por conta das pessoas que aparecem para conversar comigo, me fazem me sentir melhor”.

Aqui pude apresentar um pouco da história de vida de Manuela, a sua relação e encontro com a “feira do troca”, desde a sua visão até a sua vivência. Assim como as demais histórias a seguir, buscaremos sempre trazer a visão das pessoas que estão dentro da feira. Uma visão interna mostra sempre elementos que não são visíveis na visão externa do espaço.

## 5.2 HISTÓRIA II: A VIDA DE JACIARA

Mulher, negra, natural de São Bernardo do Campo, interior de São Paulo, nascida em 20 de julho de 1991. Jaciara<sup>55</sup> teve uma infância bem difícil e marcante, perdeu sua mãe bem cedo, ainda com oito anos de idade, seu pai trabalhava em São Paulo. Jaciara teve uma infância bem dura, com todas as dificuldades seu pai preferiu se mudar junto com sua família para a cidade de Bonito, interior de Pernambuco. Jaciara relata não ter tido muito a influência de figuras adultas na sua infância, por perder sua mãe muito cedo, e por não ter uma boa relação com o seu pai, ainda enquanto criança.<sup>56</sup> Uma pessoa que ela destaca ter lhe ajudado bastante é seu “Pai de Santo”:

<sup>57</sup>“Eu sempre fui a ovelha negra da família. Meu pai sempre gostou mais do meu irmão do que de mim. Em Bonito foi quando eu vim conhecer o que era a vida, onde eu conheci meu “pai de santo”, uma pessoa que me ajudou muito. Eu sou do candomblé. Conheci ele em uma mesa de bar, faz 15 anos que sou filha de santo, uma das primeiras filhas de santo dele”.

Jaciara chegou a ter dois filhos, uma menina e um menino, tendo primeiro uma menina, aos 18 anos. Relatou não ter condições financeiras para criar a criança, seu “pai de santo” foi quem lhe ajudou durante a gravidez, depois que a criança nasceu, ela decidiu dar para uma enfermeira. O segundo filho de Jaciara já foi aos 26 anos, ela criou ele por um tempo e depois deu ele para a avó paterna. Com esse filho Jaciara ainda possui contato e tem

---

<sup>55</sup> Jaciara é um nome fictício dado a nossa interlocutora

<sup>56</sup> A História de vida está disponível no podcast: Etnografia de Feira, o canal é apresentado nas fontes deste trabalho.

<sup>57</sup> As citações trazidas nessa parte do texto são falas da nossa interlocutora.

encontros com uma certa frequência, além de mandar uma ajuda financeira mensal para o mesmo.

Já depois de ter sua filha, ainda aos 18 anos é quando Jaciara decide se mudar para Caruaru, relata ter tido uma influência pelo seu “pai de santo”. Ela queria sair do interior de Pernambuco para uma cidade grande. Chegando na cidade grande ela teve alguns trabalhos temporários, um deles foi cuidar de idosos em hospitais, o qual ainda relata ir às vezes. Jaciara disse ser bastante curiosa, disse que teve interesse em conhecer o “mundo da prostituição”, logo quando ela chegou na cidade conheceu amigas que ajudaram ela a seguir profissão, na cidade de Caruaru.

“Conheci uma colega da cidade de Bonito que foi quem me trouxe para visitar a “feira do troca”, aqui em Caruaru. Pensei ‘que feira massa<sup>58</sup>’. Outro dia meu pai de santo disse: ‘vamos simhora para Caruaru’, foi quando eu vim embora e conheci a profissão, em que eu trabalho hoje, esse foi o meu meio de trabalho”

Jaciara relata não ter trabalhado na prostituição nas ruas, até chegar em Caruaru, quando ela morava em Bonito, decide fazer programas em sua própria casa. Ao chegar em Caruaru, ela vai inicialmente fazer programas na primeira praça do Rosário, onde ela conhece uma colega de profissão com quem ainda mantém contato.

“Em Bonito eu fazia programas na minha própria casa, ia até os bares onde conhecia os clientes e levava para minha casa. Lá eu não era assumida como sou em Caruaru, agora minha família sabe. Ninguém da minha família me ajuda, não dou o direito deles falarem de mim, pois quando eu , eles viraram as costas para mim, menos o meu avô, que já faleceu”

Jaciara disse não ter tido muito apoio da família durante toda a sua vida, quando ela decidiu se mudar para Caruaru passou a ter uma certa independência. Como na cidade pequena ela não tinha tantas oportunidades quanto ela encontrou na cidade grande. A prostituição foi um meio de trabalho que Jaciara encontrou para conseguir dinheiro, e até mesmo para ajudar o seu filho mais novo, o único que ela tem contato.

---

<sup>58</sup> “Massa” é uma gíria usada para se referir a algo bom ou legal.

Quando chega em Caruaru Jaciara encontrou algumas dificuldades para ser inserida na prostituição. Já que estava em uma cidade totalmente desconhecida e conhecer outras colegas de profissão foi o que lhe fez ganhar bastante confiança nesse novo lugar. Essas redes de relações de confiança foi o que facilitou com que Jaciara voltasse a se inserir nos espaços de prostituição.

“Como diz o ditado: ‘uma puta<sup>59</sup> conhece outra de longe’. Comecei a pegar amizade, gosto de pegar amizade. Dessa amizade que comecei a chegar na praça do Rosário, onde eu comecei a fazer programas. Depois é que conheço a feira do troca”.

De início, quando Jaciara chegou a Caruaru, ela fez seus primeiros programas na praça do Rosário, onde ela fixou seu ponto por bastante tempo. Ela disse sempre ter ouvido falar sobre a “feira do troca”, a qual só havia passado uma vez, ainda antes de morar na cidade. Por ser bastante curiosa, Jaciara tinha bastante interesse em conhecer a feira. Um tempo depois é que algumas colegas levam Jaciara e a apresentam a ela.

“Quando eu cheguei na feira do troca comecei a conhecer outras garotas de programa. Foi onde elas me disseram onde eu poderia fazer programa, onde tinha motel e pousada”.

“Para começar a trabalhar aqui (feira do troca) comecei a vir durante a madrugada. A noite eu fazia programa na praça com as travestis e de madrugada aqui na feira”.

Quando finalmente Jaciara conhece a “feira do troca”, ela começa a entender um pouco de como funcionava a dinâmica da feira. Por ainda está chegando a nova cidade e por esta precisando de bens materiais básicos, Jaciara começa a viver em uma dupla jornada de trabalho. Durante o dia e parte da noite ela fazia programas na praça do Rosário, já durante a madrugada e parte da manhã ela fazia programas na “feira do troca”.

Com o passar dos anos, Jaciara se torna uma pessoa bastante conhecida no ramo da prostituição. Depois ela parou de fazer programas na praça e ficou trabalhando somente no seu ponto na Feira.

---

<sup>59</sup> “Putas” é um termo usado para se referir a garotas de programa.

“Já faz 15 anos que estou aqui, antigamente o movimento aqui era muito bom. A cinco anos atrás era muito bom, agora não, mudou muito por conta das drogas e dos crimes”.

Jaciara relata que antes da pandemia do coronavírus a “feira do troca” tinha um fluxo bem maior de pessoas, o que fazia com que ela tivesse bastante programas, e depois dessa pandemia o fluxo de pessoas, tendo diminuído bastante o mercado da prostituição, também foi atingido.

Além de ter uma boa relação com as colegas de profissão, Jaciara fala que é importante manter diálogo e uma relação saudável com todos que fazem parte da feira. Já que seu ponto também faz parte da feira, Jaciara diz que é crucial manter uma relação bastante sadia com o maior número de pessoas que puder.

“Até hoje, graças a Deus, eu nunca arrumei confusão com ninguém, já faz 15 anos que estou aqui fazendo programas”.

Ao longo de toda a sua jornada enquanto garota de programa, Jaciara não tinha chegado a ter nenhum relacionamento amoroso sério. Todas as relações que Jaciara tinha, ela falou ser extremamente profissional, estava trabalhando e não se envolvendo romanticamente com uma pessoa. Até que conheceu uma pessoa da “feira do troca” com quem ela desenvolveu um relacionamento amoroso. Que fez com que sua vida melhorasse, em relação a sua segurança. Essa pessoa começa a ajudar financeiramente.

“Graças a Deus, depois que me envolvi com Geraldo<sup>60</sup> não trabalho mais durante a noite. Só atendo quem me liga, os clientes já certos. Mudei muito, não trabalho mais a noite, domingo e feriado. Antes de trabalhar durante o dia eu trabalhava a noite também”.

“Depois que conheci Geraldo, ele tem me dado uma força. Conheci ele através de uma amiga, da qual ele era cliente. Nesse dia estava estressada, a única droga que eu uso é a maconha. Foi quando eu fui com a minha amiga fumar para desestressar, foi quando conheci Geraldo. Percebi o olhar dele. Nunca tive essa de pegar macho de colega minha. Foi quando minha amiga chegou e disse: “olha, Geraldo está querendo sair contigo”. Falei “oxe”<sup>61</sup>, ele é teu cliente, mulher!” Logo, ela disse: “aqui ninguém tem cliente não, aqui é trabalho, se ele se interessou por você abra o quarto e vá, se ele curtir segue em frente” como ela disse, estamos aqui para ganhar o dinheiro”.

“Comecei a frequentar a casa dele, passei dois meses frequentando a casa dele quase que diariamente, sem ter nenhuma relação sexual

---

<sup>60</sup> Geraldo é um nome fictício para se referir ao companheiro de Jaciara.

<sup>61</sup> Oxe: Gíria nordestina usada para se referir a surpresa numa reação emocional.

com ele. Eu já estava apegada como amigo, almoçamos juntos, fumava junto dele, já estava com aquele jeito de amizade, sabe? Era um domingo à tarde, quando fui para a casa dele. Como de costume, almocei e tirei um cochilo. Ele nunca foi homem de tocar em mim.”

“Até que ele me chamou para fazer um programa. Respondi: “você acabou de destruir a nossa amizade”. Ele me perguntou: “mas você não trabalha fazendo programa?” Eu disse: “sim, mas eu já estava toda envolvida no afeto de amizade com você”. E ele insistiu em fazer o programa comigo. Eu disse, só vou fazer porque estou parada e sem dinheiro, vamos? Então, fizemos. No outro dia foi bem estranho, ele apareceu na feira, eu estava conversando com um de meus clientes. Geraldo chega e fala: “Foi o que que tu está estranha?” Eu respondi: “Nada. Aí pronto, já vai fazer três anos que estamos juntos”.

Ao entrar em um relacionamento sério com uma pessoa, Jaciara relatou diminuir sua jornada de trabalho e passar menos riscos nas ruas da cidade. Como ela mesmo falou, “estar nas ruas é um perigo<sup>62</sup>”. Perigo ainda mais para ela que sai com pessoas desconhecidas.

“Estar nas ruas é sempre um perigo”, relatou Jaciara. Ao longo do tempo em uma profissão tão arriscada quanto a dela, Jaciara já passou por várias situações que fizeram com que ela pensasse em sair das ruas. Em uma de nossas conversas Jaciara nos contou uma situação que ela passou que nos deixou bem impactados:

“Eu faço programas ainda, porém, não saio mais com usuários, por já ter sofrido um atentado. Era um sábado à tarde, por volta das 17:30, estava na esquina da praça do Rosário. O homem veio e me chamou para fazer um programa. Ele deveria ter na faixa de uns 26 anos, ele é moreno e um pouco baixinho. Falei meu preço e o valor do quarto, ele veio. Viemos para o quarto, falei que recebo o dinheiro antecipado, ele tentou me enganar. Eu disse “se for assim eu desço e vou embora, a gente não está fazendo nada”. Ele tentou e conseguiu me agredir. O dono do quarto foi quem veio me socorrer e logo conseguiu chamar a polícia. Primeiramente, Deus e segundo o dono do quarto quem me ajudou. Ele não me roubou, ainda bem que não teve faca nem arma, mas teve agressão física e verbal. Ele não me matou porque não viu um pedaço de madeira que estava atrás da porta, se não ele tinha me matado. Se não eu estaria no céu ou no inferno, neste momento, não vou mentir. Ainda tentei me defender, consegui arrombar a porta, na hora que ia descendo os degraus ele puxou pelo meu cabelo, foi quando o dono do quarto viu. Fiquei com a boca sangrando, o olho roxo e inchado, as costas arranhadas, ele mordeu minha orelha e arrancou metade do meu cabelo”.

“Depois de uns 15 dias ele apareceu na feira, eu não o vi, estava em um programa, quem viu e me contou foi o dono do

---

<sup>62</sup> O perigo das ruas apresentado pela interlocutora é o risco de perder a vida que ela enfrenta diariamente, por está trabalhando em uma profissão bastante arriscada.

quarto. Se eu ver ele hoje ainda eu conheço. Se ele estiver sem camisa é que eu conheço mesmo, ele tem uma cicatriz nas costas, e no meio dessa cicatriz ele tem uma tatuagem, uma borboleta e uma data de nascimento. Ele também chegou a agredir outra menina, poucos dias depois de mim, no mesmo lote de quartos que ele me agrediu. O dono do quarto lembrou que tinha sido o mesmo que me agrediu”.

Jaciara é envolvida com uma pessoa com quem mantém um relacionamento, que é Geraldo, já citado aqui. Ele também trabalha na feira, com uma barraca de lanches, Jaciara também ajuda ele nesse trabalho. Mesmo mantendo essa ajuda ela ainda mantém o trabalho de garota de programa, que é com que ela consegue manter a sua casa e mandar ajuda financeira para o seu filho.

“Há, mas porque Geraldo não te tira dessa situação? O pessoal sempre pergunta, eu digo que é porque ele não tem condições. Ele depende da feira, se ele fosse aposentado aqui eu não estaria mais na feira”.

Mesmo estando em um relacionamento amoroso com uma pessoa, com quem ela já mora junto há mais de dois anos, ela se vê na necessidade de continuar fazendo programas, mesmo tendo uma vontade de parar com esse tipo de trabalho que está a mais de quinze anos.

“Tenho vontade de sair dessa profissão, quando cheguei aqui estava no leito, tinha 18 anos, agora sou puta velha, tenho 33 anos. Já está chegando outra geração nova aqui, mais panela velha que faz comida boa. O que é meu sempre vem. Tenho fé em Deus e nos espíritos que vou sair dessa vida, deixa ele(Geraldo) se aposentar. Ele tem 62 anos, vai fazer 63 em dezembro, deixa ele se aposentar em nome de Jesus para eu sair dessa vida”.

“Coloquei currículo numa loja, mas não me chamaram. Também coloquei no facebook, duas meninas pegaram meu número para tomar conta de idoso. O que precisar eu vou trabalhar, casa de família, faxina, o que quiser podem contar comigo que estou indo”.

As pessoas têm bastante preconceito com as garotas de programa, sem antes parar para pensar o porquê daquela pessoa está exercendo aquela profissão. A prostituição é um trabalho, as profissionais não estão naquela situação por estarem gostando ou por prazer, mas por ser sua profissão, por estarem trabalhando, ou como falou Jaciara “estou indo atrás do dinheiro”. Dinheiro esse que vai servir para que Jaciara compre a sua comida, ajude seu filho, pague o aluguel, compre uma roupa. Ou seja, a prostituição também é um

trabalho, que faz com que esses profissionais consigam recursos para suprir suas necessidades básicas, enquanto ser humano.

“Há, fazer programa é bom? Você ganha, 50, 60, 70, 100, 120, sair com uns machos lisos que não dá valor a mulher, pensam que a mulher... Tem homem que não sabe valorizar uma mulher. Você não está sentindo o prazer, você está indo através do dinheiro. Dependendo do programa que fizer a gente vai para atingir uma meta. É uma vida arriscada, uma vida nojenta. Você entra em um carro, sabe que vai, mas não sabe se volta”.

“A meta do sábado é 350 reais, nos dias de semana a meta é 100 reais. A vida de prostituta é aquela coisa, estou sem dinheiro agora, mais de tarde tenho um de 100, vou na casa do cliente. Teve uma vez que fiz 19 programas em um único dia, só quem madruga é quem pode ver. Graças a Deus eu não trabalho mais a noite.

Existe toda uma organização e planejamento da profissional. Jaciara já passou por diversas situações durante todos esses anos em que ela está inserida na “feira do troca”. Uma coisa que Jaciara também chama a atenção é com a questão dos fiscais que trabalham na feira: “eles não dão suporte, eles não dão sossego, eles não deixam a gente trabalhar, essa feira era pra ser mais organizada”. Além de apresentar as condições de trabalho a que todos os feirantes, desta feira em questão, estão sujeitos.

Como pude perceber, Jaciara desde muito jovem, acabou entrando na prostituição, profissão em que ela trabalha a mais de quinze anos. Desde que entrou nessa profissão passou por diversas situações, que fizeram com que ela pensasse em desistir da carreira, da qual ela não desistiu por ser o meio de vida que ela encontrou para conseguir dinheiro e ajudar o seu filho. Jaciara tem um companheiro que lhe ajuda bastante, que fez com que ela diminuísse sua jornada de trabalho, deixando de trabalhar a noite e passando menos riscos de perder sua vida. Jaciara disse que está em uma profissão de alto risco, da qual deseja sair. Disse não ter tido uma boa oportunidade para poder mudar de vida, ela acredita que um dia conseguirá sair dessa realidade.

### **5.3 HISTÓRIA III: A VIDA DE ZULMIRA**

Mulher, parda, nordestina. Filha natural de Belo Jardim<sup>63</sup>, no sítio Araçá, Pernambuco. Nascida em 13 de maio de 1968, Zulmira<sup>64</sup>, terceira filha de seis irmãos, disse ter tido uma infância bastante difícil. Zulmira e seus cinco irmãos

---

<sup>63</sup> Belo Jardim: Cidade do interior de Pernambuco.

<sup>64</sup> Zulmira é um nome fictício dado a nossa interlocutora.

foram abandonados pela mãe, quando ela tinha apenas sete anos de idade, sua irmã mais nova ainda era criança de braço. Com muita dificuldade seu pai criou os filhos sem ajuda da mãe<sup>65</sup>.

“Minha infância não foi muito fácil, porque meu pai criou seis filhos sozinho. Minha mãe abandonou os filhos e ele nos criou sozinho. Éramos três mulheres e três homens, ele nos criou dando amor e carinho.”<sup>66</sup>

Mesmo não tendo uma figura materna presente, Zulmira relata ter tido um bom pai que sempre prestou assistência aos seus filhos, dando amor e carinho a todos eles, até mesmo os dois mais velhos, que não eram filhos legítimos. O seu pai precisava de apoio, foi então que decidiu se mudar do sítio para a cidade para ficar mais próximo de outros parentes para que seus filhos tivessem um apoio melhor. Ao longo da infância, Zulmira teve algumas pessoas que se destacaram na sua vida.

“Depois do abandono da minha mãe, nós saímos do sítio e nos mudamos para a cidade de Belo Jardim. Com pouco tempo minha irmã e meu irmão, mais velhos, acabaram arrumando relacionamentos e saindo de casa cedo, esses que foram embora eram filhos de sangue da minha mãe e meu pai criou. Com a saída deles eu fui a mais velha que ficou em casa”.

“Ainda na cidade de Belo Jardim eu comecei a trabalhar em uma churrascaria e depois em um bar.

Os irmãos mais velhos de Zulmira acabaram saindo de casa muito cedo, agora as responsabilidades dela só aumentaram por ela ser a filha mais velha em casa, mesmo tendo apenas 13 anos de idade. Seu pai arrumou um relacionamento amoroso e não dormia muito em casa. Zulmira com tão pouca idade tinha que tomar conta dos seus três irmãos mais novos.

Com seu pai passando bastante tempo disse ser muito assediada pelos homens da rua. O que hoje pode ser caracterizado como estupro de vulnerável<sup>67</sup>, para a época não foi. Então, um senhor bem mais velho que o

---

<sup>65</sup> A História de vida está disponível no podcast: Etnografia de Feira, o canal é apresentado nas fontes deste trabalho.

<sup>66</sup> Todas as citações trazidas nessa história de vida são falas da nossa interlocutora Zulmira.

<sup>67</sup> Estupro de vulnerável: Relação sexual, ato carnal (ato libidinoso) com crianças ou adolescentes menores de 14 anos de idade. O que é considerado crime levando o acusado a ter de 8 a 15 anos de reclusão.

próprio pai de Zulmira quis que se relacionasse com ela. Pouco tempo depois ela acabou se relacionando com esse senhor, logo depois acabaram indo morar juntos.

“Acabei me casando bem cedo, o casamento não deu certo. Acabei indo embora para morar com minha irmã mais velha. Foi nessa mesma época que descobri que a minha mãe morava em Lajedo, Pernambuco.

“Eu tinha apenas 13 anos, ele já era bem maduro, tinha mais de 50 anos. Eu acho que ele se aproveitou de mim, viu que meu pai não estava muito em casa. Meu pai só dormia mais na casa da minha madrasta. Eu creio que ele se aproveitou, eu era uma criança”.

Com tão pouca idade, Zulmira tinha ido morar com esse homem, passaram pouco mais de dois anos morando juntos. Depois Zulmira acabou se separando dele, e pedindo ao seu pai para voltar para casa. Seu pai acabou aceitando ela de volta, então ela foi embora. Sua madrasta já estava morando com seu pai, mesmo assim Zulmira voltou, mesmo não se dando muito bem com a esposa do seu pai. Depois de todos esses anos, Zulmira acredita que esse homem tenha se aproveitado da sua inocência para se relacionar com ela, por ela ser tão jovem.

“Eu resolvi que iria voltar para a casa do meu pai, ele me aceitou de volta, então voltei. Mesmo assim ele ainda ficou insistindo para eu voltar, tínhamos passados dois anos e meio juntos. Ainda ficamos mais dois meses nos relacionando, depois que saí da casa dele. Ele ficou me atentando<sup>68</sup> muito. Por influência da minha madrasta, que não gostava de mim, ele quase me matou. Ele ainda puxou o revólver para mim. Para fugir das unhas dele, meu irmão mais velho arrumou um serviço para mim no Recife, no outro dia escondida dele, eu acabei fugindo. Passei dois meses no Recife, tive que voltar porque meu pai adoeceu, voltei para a mesma cidade. Fiquei morando com meu irmão, que morava no centro da cidade, um pouco afastado do bairro que meu pai e meu ex-marido moravam”.

“Por um acaso acabei encontrando com ele na rua. Ainda bem que eu não estava sozinha, por isso ele não tentou fazer nada. Mais eu acho que ele tentou me matar por influência da minha madrasta, porque ele gostava muito de mim, do jeito dele. Ele nunca chegou a judiar<sup>69</sup> comigo”.

Zulmira diz nunca ter passado por um relacionamento abusivo, ela só queria se separar, não queria mais morar com esse homem, pelo fato de não

---

<sup>68</sup> “Atentando” nesse sentido é trazido como um sinônimo de insistindo.

<sup>69</sup> “Judiar” é trazido nessa frase como um sinônimo de maltratar.

gostar mais dele e por ele ser bem mais velho que ela. Só que ele não aceitava o fim desse relacionamento, quando Zulmira vai embora ele ficou insistindo para que ela voltasse. Mesmo não voltando para a casa dele, passaram cerca de dois meses se relacionando. Até que por muito insistir e Zulmira não aceitar seu ex-marido quase tirou a vida dela. Chegou a apontar uma arma, ela pensou que sua vida acabaria ali, mas por um livramento ele não puxou o gatilho daquela arma.

Zulmira disse que boa parte da confusão aconteceu por influência da sua madrasta, ela falou nunca ter se dado bem com a esposa do seu pai. Pois, mesmo ela ter se separado ele nunca a agrediu fisicamente.

No dia seguinte, com a ajuda do seu irmão, ela acaba conseguindo mudar de cidade e passa dois meses fora, depois é obrigada a voltar pelo fato de seu pai está doente. Nessa volta acabou encontrando seu ex-marido na rua, disse ter tido muito medo, mas, felizmente, ele não fez nada.

Depois que seu pai melhorou de saúde, Zulmira acabou indo embora mais uma vez, agora para a casa da sua irmã. Na mesma cidade em que sua mãe havia ido morar, o reencontro com sua mãe aconteceu.

“Depois de um tempo eu fui para Lajedo<sup>70</sup>, tinha descoberto que a minha mãe morava lá. Eu já estava com 16 anos de idade, nessa época. Quando eu vim morar em Lajedo não vim morar com ela, vim morar com a minha irmã. Nunca gostei muito do meu padrasto, porque minha mãe abandonou a gente por culpa dele. A gente não se dava muito bem com ele, eu e meus irmãos”.

Depois de alguns anos Zulmira acabou conhecendo uma pessoa com quem se envolveu. Ela, com seus 19 anos de idade, a pessoa com quem ela estava se envolvendo era bastante velho que ela, já estava com 55 anos de idade quando começaram a se envolver:

“Depois de uns três anos conheci meu segundo marido, chegamos a nos casar no civil. Assim que fui morar com ele fui pedida em casamento, não aceitei por ele ser bem mais velho que eu. Estava com 19 anos, ele já tinha 55 anos. Depois de quatro anos que estamos juntos ele me pediu em casamento de novo, dessa vez aceitei e nos casamos no civil. Não casamos na igreja porque ele já tinha se casado uma vez e não era viúvo”.

---

<sup>70</sup> Lajedo: Cidade do interior de Pernambuco

Com medo que estava desde seu primeiro relacionamento, Zulmira não quis casar de imediato, como era o desejo do seu companheiro. Ele já havia se casado uma vez, por ele não ser viúvo, quando Zulmira decidiu aceitar o pedido eles se casaram apenas no civil, e não na igreja, como queria Zulmira.

Agora parecia que Zulmira tinha encontrado sua “alma gêmea”, como ela nos falou, com quem queria viver o restante de sua vida. Ele trabalhava, ela disse não precisar trabalhar, mas queria trabalhar. Voltou a estudar, mas acabou desistindo com o tempo.

“Vivemos muito bem, éramos duas almas em um corpo só. Passamos 19 anos no céu. Ele era jurado do júri popular. Entre todo esse tempo que ficamos juntos, minha prima apareceu grávida na minha casa. Eu acabei criando a filha dela, que é a minha filha de criação que eu tenho hoje. Ela já está com 30 anos. Eu não tenho estudo, mas consegui dar estudo a ela. Eu tenho muito orgulho da minha filha. Eu não estudei porque na minha época era muito difícil estudar, não tinha e quando tinha era o mobral<sup>71</sup>, por isso não estudei. Só era para os jovens, não tinha para criança”.

Eles acabaram não tendo gerado nenhum filho, Zulmira disse que não poderia ter filhos. Mas tiveram a oportunidade de adotar uma criança. E fizeram de tudo para que essa criança tivesse uma vida muito boa pela frente. Com a questão da escolaridade, que Zulmira não teve mais fez de tudo para que sua filha tivesse uma boa educação.

“Quando estávamos organizando a festa de três anos de idade da nossa filha, meu marido acabou tendo um derrame facial. E disso ele teve um desvio na cabeça. Depois de um ano ele desenvolveu um câncer na próstata, ele conseguiu se operar da próstata. Com um tempo depois ele acabou desenvolvendo outros problemas, osteoporose, diabetes e hipertensão. Ficou tomando medicação, com o tempo os remédios não fizeram mais efeito. Ele entrou em coma, e acabou morrendo. Eu era feliz e não sabia”.

Com o passar do tempo, os problemas de saúde do seu marido começaram a aparecer recorrentemente. Zulmira falou que ele foi reanimado algumas vezes, mas acabou não resistindo.

Com a morte do seu marido, as dificuldades começaram a aparecer cada vez mais, mesmo trabalhando, mas ela tinha que tomar conta da sua filha de apenas quatro anos de idade.

---

<sup>71</sup> O mobral foi uma modalidade de ensino implantada na época da ditadura militar no Brasil, e ficou conhecido como o "movimento de alfabetização funcional”.

“Eu trabalhava no bar, trabalhava porque gostava de trabalhar. Nunca faltou nada para mim. Com a morte dele eu acabei me aposentando. Eu me estressei um pouco, porque havia comprado o caixão fiado, e a aposentadoria demorou mais de dois meses para sair, quando a aposentadoria saiu eu paguei o caixão”.

Quando conseguiu a aposentadoria, Zulmira finalmente conseguiu deixar suas contas em dia e conseguiu se manter melhor com sua filha. Com a morte do seu marido, Zulmira passou a criar sua filha sozinha.

Com o passar dos anos e sua filha crescendo, Zulmira acabou conhecendo um jovem um pouco mais jovem que ela. Ela com seus 28 e ele com seus 23, acabaram se envolvendo em um relacionamento. E, logo, foram morar juntos, eles haviam se conhecido logo que Zulmira tinha se mudado para a cidade de Caruaru.

“Depois de um tempo eu acabei conhecendo outro rapaz, que é esse que moro hoje. Quando eu conheci ele já morava aqui mesmo em Caruaru, ele trabalhava na feira. Com o tempo comecei a trabalhar com ele na feira. Depois de um ano, acabamos nos afastando da feira por conta das nossas condições financeiras”.

Com a sua chegada em Caruaru, Zulmira começou a trabalhar na feira, com seu companheiro. Eles pararam de trabalhar na feira por um tempo, depois voltaram. Além de ter tido trabalhado na feira, para melhorar as condições de casa, Zulmira acabou sendo catadora de material reciclável:

“Depois de um ano ele conseguiu um dinheiro e compramos algumas frutas, então ficamos com minha filha e eu trabalhando na Feira, enquanto ele trabalhava de Gari. Eu vendia frutas no sábado e nos dias de semana eu catava papelão, porque o aluguel aqui em Caruaru sempre foi caro”.

Como tinha uma casa em Lajedo, para sair do aluguel e continuar morando em Caruaru, Zulmira acaba vendendo a casa para comprar um terreno e fazer uma casa em Caruaru. Seu marido, que era Gari, também trabalhava na construção civil, foi quem construiu a casa da família:

“Eu tinha uma casa em Lajedo, acabei vendendo e comprando um terreno aqui em Caruaru. Ele foi quem construiu nossa casa, que é essa que moramos hoje, além de gari, ele trabalhava na construção civil. Quando deixamos de pagar aluguel as coisas melhoraram”.

“Acabei parando de catar papelão, como tinha a menina eu tinha que cuidar dela. Ela estudava, sábado e domingo eu ia para a feira com

meu marido, então levava minha filha também, já que não tinha aula. Alí mesmo, no parque 18 de maio”.

Com a conquista da casa própria, as condições da família melhoraram, o que fez com que Zulmira parasse de catar papelão nas ruas e trabalhasse apenas na feira, aos finais de semana. Agora ela também poderia tomar conta melhor de sua filha, já que ela ainda era uma criança de apenas sete anos de idade.

Seu marido parou de trabalhar como Gari e ficou mais focado na feira, além da feira eles acabaram tendo várias outras ocupações ao decorrer dos anos. Tentando sempre driblar as dificuldades e procurando o melhor para toda a família.

“Com um tempo montamos um bar, paramos e abrimos um mercado, depois acabamos com o mercado também. Passamos um tempo trabalhando na Feira aqui do bairro, vendiam frutas e verduras. A feira mudou de lugar, acabamos perdendo o ponto, como muita gente também perdeu. Então, meu marido foi vender CD’s, montamos um banco de CD’s.”.

“Com um tempo depois meu marido acabou começando a vender produtos na “feira do troca”, como ele ficou doente não está podendo trabalhar no pesado. Estou indo com ele, mas não todos os dias da semana por ser muito cansativo”.

Depois de passar por algumas feiras, ao decorrer dos anos, Zulmira chegou à “feira do troca”, pouco depois do seu marido, que foi quem chamou ela para ir, ele com produtos novos e usados e ela com sua criatividade de fazer artesanato:

“Tentei vender algumas coisas lá também, fiz sabão para vender, acabou que não deu certo. Depois acabei fazendo alguns terços para vender, também não deu muito certo. Decidi ficar mais ajudando meu marido, vendendo relógios, anéis, ventiladores, tudo que der para ganhar dinheiro. E esse dinheiro ajuda a pagar as contas de casa e comprar algumas coisas de casa. Mesmo sendo pouco, nos ajuda muito”.

Depois de tanto insistir e desistir de vender seus produtos, Zulmira acabou decidindo ficar vendendo as coisas junto do seu marido. E juntos eles vendem produtos novos e usados como roupas, relógios, alianças, caixas de som, pen drive, e outros produtos Com sua convivência dentro da “feira do troca”, Zulmira começa a observar as dificuldades que os feirantes passam

dentro dessa feira. O que ela chamou bastante atenção durante a nossa conversa foi às formas de trabalho, que essas pessoas vivem e a “perseguição”, que elas enfrentam dentro da feira:

“Tem muita gente ali, naquele calçadão, para ganhar o pão de cada dia. E toda a gestão que entra quer tirar aquele povo dali, e não visam que é com aquele povo que eles ganham a eleição. Se você chegar ali e ver um por um você sabe o que é a pobreza, você olha assim e diz: oh meu Deus, será que eles vão vender isso? E eles conseguem vender”.

“Toda gestão quer tirar aquela feira dali. Um calçadão, uma calçada bem longa, formam fila dos dois lados da calçada, mas dá para o povo passar, fica livre. Mas eles querem tirar aquela feira dali, mesmo sabendo que tem muita gente pobre que depende daquela feira”.

“Eu fico triste com isso, tenho uma colega que cria seus dois filhos com o que ela ganha lá. Faz dois meses que quando ela foi trabalhar, assim como eu e meu marido também tínhamos ido trabalhar lá, quando olhei assim disse: cadê a barraca? Ela me falou que um vizinho viu quando dois homens da prefeitura chegaram e tiraram tudo que ela deixou, a coberta e os bancos dela colocando as coisas e os de se sentar também. E não devolveram, fiquei muito triste com aquela situação, ela depende da feira para ganhar o pão de cada dia. Lá não é ponto de drogas, é ponto de comida. Ela só não colocou as coisas no chão, porque as pessoas da feira arrumaram um banco para ela. Uma tristeza, uma falta de consideração. Eles deveriam fazer barracas para dar a essas pessoas. O foco é no calçadão onde as pessoas humildes trabalham”

Zulmira começa então a destrinchar as formas de “perseguição”, que ela presenciou dentro da “feira do troca”. Ela também descreve as condições e formas de trabalho que sempre vem presenciando dentro dessa feira. Um elemento muito importante, que a nossa interlocutora fala, é sobre a importância de vender produtos dentro da feira influenciarem na economia de cada família, inclusive da sua. No caso de Zulmira, a feira não é a única fonte de renda da família. Mas outras pessoas têm a feira como única ou principal meio de fonte de renda da família.

“Lá vende de tudo, panela de barro, garrafa, bule, peças de carro, vende de tudo um pouco. Coisas novas e usadas, de tudo tem. As coisas ali são muito em conta, por isso aparece tanta gente para comprar coisas, por serem mais em conta”.

“Todos os dias entra um trocadinho, para comprar um arroz, um feijão, uma coisa. Eu digo isso porque a gente vive lá. Se tirarem aquela feira vai ter uma revolução dentro de Caruaru, não tenha dúvida disso. Ali tem pessoas com sangue no olho<sup>72</sup>, e dependem dali para pagar um aluguel e comprar as coisas dos filhos”.

---

<sup>72</sup> “Sangue no olho” é uma expressão usada para se referir a bravura e valentia.

Como a interlocutora apresenta, dentro dessa feira existem muitas pessoas que conseguem o sustento da família a partir das vendas, que elas desenvolvem dentro desse espaço de troca.

Outro fator ressaltado é a questão da segurança, que não é feita dentro do espaço desta feira. O que acaba trazendo riscos a essas pessoas que necessitam estar nesse espaço para conseguirem o sustento da sua família.

“Os seguranças<sup>73</sup> não fazem a segurança da feira, a gente está ali, se a gente tiver alguma coisa nossa roubada, o que eles vão fazer? Não vão fazer nada, e ainda ficam passando por lá pedindo dinheiro a gente, sendo que eles não fazem segurança nenhuma, ali o povo está abandonado. Trabalham ali quem precisa, mas as condições de trabalho são péssimas. Para essas condições de trabalho eu dou nota zero, são péssimas as condições de trabalho, mas está ali quem precisa”.

Zulmira resalta a insegurança de trabalho que ela, seu marido e todos os feirantes da “feira do troca” enfrentam diariamente. Trazendo risco a sua saúde e segurança de trabalho. Além de existir uma cobrança de taxa pelos seguranças que deveriam estar prestando a segurança dessas pessoas. Segundo a entrevistada essa segurança não é prestada por esses guardas.

Ao longo de toda a história da vida de Zulmira conseguimos entender um pouco das dificuldades que ela enfrentou desde a sua infância até o momento em que ela chega a feira do troca. Ela apresenta seus três relacionamentos que teve ao longo de sua vida, e os desafios que ela enfrentou em cada um deles. Zulmira junto dos seus irmãos foi abandonada pela mãe muito cedo, logo depois ela acaba assumindo a responsabilidade de cuidar dos três irmãos mais novos.

Ela também apresenta algumas formas de trabalho que ela desenvolveu ao decorrer de sua vida, como catadora de papelão, feirante, dona de bar e mercado. Por fim, ela conta como foi sua chegada à “feira do troca”, além de contar as dificuldades que ela e os demais feirantes da feira enfrentam. E a importância que essa feira tem para as famílias, que vivem nesse espaço de comercialização, são impactadas pela falta de apoio das

---

<sup>73</sup> Os “seguranças” que nossa interlocutora fala são os Guardas contratados da prefeitura que prestam trabalho de segurança dentro das feiras da cidade.

políticas públicas. Sobre isso Zulmira destaca exemplos que mostram as dificuldades enfrentadas por essas pessoas que ocupam esses espaços.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste trabalho pude apresentar um pouco sobre a dinâmica de comercialização dentro da feira livre. Além de como os polos comerciais influenciam na economia da cidade, trazendo um grande fluxo de pessoas e potencializando não só a economia, mas a tradição que o agreste desenvolveu ao longo dos anos.

Adentrando um pouco na história da “feira do troca” o maior desafio foi o registro documental da emergência e desenvolvimento desse espaço feirante. Como não existem trabalhos escritos sobre essa feira, a história oral foi imprescindível para reconstituir a vida desses sujeitos, que constroem uma feira popular.

Neste trabalho foi possível destacar as formas de trabalho e a diversidade de produtos que são comercializados dentro dessa feira, como é caracterizada de produtos novos e usados, muitos com procedência duvidosa. Além disso, observamos como esse espaço feirante assumem práticas e sentidos distintos para esses indivíduos, como o trabalho na prostituição. Destacamos como esses indivíduos mobilizam condições materiais e simbólicas na luta pela sobrevivência, como um grupo que vive do trabalho e encontra nas feiras populares uma infinidade de oportunidades, bem como conflitos e laços de confiança e amizade.

Um fator que é de extrema importância a falar é sobre os horários de comercialização, que são comprados e vendidos cada produto. As temporalidades feirante assume contornos e dinâmicas diversas, seja na construção de suas temporalidades, seja no jogo de trocas estabelecidas, ou mesmo nas percepções do que é legal e ilegal nesse espaço.

Um outro elemento, que é possível destacar, é a barganha, sendo caracterizada como um jogo de comercialização entre feirantes e clientes da feira. Se diversificando e tendo um mesmo produto barganhado várias vezes, até mesmo pelas estratégias dos feirantes com os clientes. Além do mais, uma

mesma mercadoria acaba se deslocando por vários espaços da feira, por serem comercializados entre os próprios feirantes.

Outro fator que é notável evidenciar é a “perseguição”, que é feita pelas autoridades aos feirantes, que estão presentes dentro dessa feira, como é evidenciado nos relatos apresentados durante o texto.

Um dos elementos principais que destacam essa feira é justamente a questão do espaço, por ele não ter avançado, o espaço delimitado pela prefeitura, o que fez com que a “feira do troca” viesse a ocupar um calçadão e parte de uma ponte. Justamente esse espaço que é o calçadão, localizado às margens do rio Ipojuca, vem sendo o mais disputado. Essa disputa acontece entre os próprios feirantes, conforme eles vão se organizando.

Uma coisa muito interessante de ser evidenciada é sobre a valorização e a desvalorização de produtos, que são comercializados dentro da feira, como o caso dos livros que começaram a ganhar valor significativo ou até mesmo dos produtos que são desvalorizados por serem comercializados no chão. Além do mais o preço da mercadoria que é definida por quem está vendendo e muitas vezes precificada por quem está comprando ou vice e versa.

Uma coisa que de forma alguma não poderia deixar de destacar é sobre a visão da “feira do troca”, apresentada pela mídia oficial (tv e rádio) e a mídia não oficial (redes sociais), que muitas vezes são visões completamente opostas, seja por mostrar a realidade das pessoas ou por apenas apresentar os crimes que ocorrem no espaço.

Um fator bastante interessante é a apresentação dos bastidores da feira, mostrando justamente a rotina e os desafios diários de uma feirante, que compõem a “feira do troca”. Dessa forma, o pesquisador conseguiu mostrar um pouco dos preparativos para a feira acontecer, a partir da rotina de uma feirante.

Por fim, são apresentadas as histórias de vida. Três histórias diferentes de três mulheres diferentes, comercializando coisas diferentes. Podendo cada uma delas apresentar sua história de vida, seu encontro com a “feira do troca” e seus desafios vivenciados diariamente em seu local de trabalho. A “feira do troca” é um tecido social e histórico, que assume configurações econômicas, sociais e políticas distintas. É uma forma de

organização fruto da iniciativa desses próprios sujeitos na luta pela sobrevivência.

Essas mulheres, que aqui destacamos, são trabalhadoras que estão lutando pela sua sobrevivência, como bem destacamos nas histórias. Todas elas têm seu meio de sobrevivência encontrado dentro da “feira do troca”, sendo a única ou principal fonte de renda não só delas, mas também de sua família como um todo.

As feiras são espaços estratégicos que garantem a estabilidade financeira das pessoas, que constroem a própria feira, sendo a única ou principal fonte de renda da família. Mesmo passando por esse meio de conflitos, como esses de perseguição, apresentados pelas nossas interlocutoras, elas não podem perder o foco do seu trabalho e, dessa forma, as feirantes vão seguindo firme sem abandonar seus princípios.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história. Tradução de Julia Romeu. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. ISBN 978-85-359-3253-9.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura, brasiliense, vol 3, São Paulo, 1994  
BOSI, Ecléa. O TEMPO VIVO DA MEMÓRIA: Ensaio de psicologia social, Ateliê Editoria, vol: 3, São Paulo, 2013

BRAUDEL, Fernand. O jogo das trocas. Civilização material, economia e capitalismo: século XV-XVIII. Martins Fontes, São Paulo, 1996.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luíza Carvalho da. Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana. ILUMINURAS, Porto Alegre, v. 4, n. 7, 2003. DOI: 10.22456/1984-1191.9160. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9160> . Acesso em: 14 out. 2024.

FERREIRA, Josué Euzébio. Ocupação humana do agreste pernambucano: Uma abordagem antropológica para a história de Caruaru, Edições: FAFICA\Ideia, João Pessoa-PB, 2001

LORETTI, Pricila Tavares. Do luxo ao lixo: a valorização de objetos a partir da feira de antiguidades da praça XV, (Mestrado em antropologia) Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, 2010

MOTA, Bruno Braga. A DINÂMICA FORMAL E INFORMAL DO TRABALHO NO TERRITÓRIO COMERCIAL DE TORITAMA: O QUE ESTÁ MUDANDO?, (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande-PB, Agosto 2014

PEREIRA, Viviane Guimarães; PEREIRA, Miguel de Souza; BRITO, Tayrine Parreira; GOULART, Ana Luiza Vieira; PEREIRA, Samanta Borges. Expressões econômicas da feira-livre: perfil e perspectiva dos feirantes, Revista NUPEM, v. 15, n. 35, p. 205-225, Campo Mourão-PR , 2023.

SÁ, Márcio. FEIRANTES: QUEM SÃO E COMO ADMINISTRAM SEUS NEGÓCIOS, Editora Universitária UFPE, Universidade Federal de Pernambuco, Recife 2011

SERVILHA, Mateus de Moraes; DOULA, Sheila Maria. O mercado como um lugar social: as contribuições de Braudel e Geertz para o estudo socioespacial de mercados municipais e feiras, Revista Faz Ciência, v.11, p. 123-142. Cascavel-PR, 2009.

## **FONTES:**

Podcast: Etnografia de Feira: “A garota de programa” , acessado em 22\10\2024:

<https://open.spotify.com/episode/0s7s8DLcXwnnW4h0a9geEm?si=9LS4qUzaSf2vkjd3B2NyzQ>

Podcast: Etnografia de Feira: “A vendedora de eletrônicos”, acessado em 22\10\2024:

<https://open.spotify.com/episode/7xVal0LdWuSivU2wT5J0Pr?si=OyqyzbSISDinviDOX4pmcg>

Podcast: Etnografia de Feira: “A vendedora de café” , acessado em 22\10\2024:

[https://open.spotify.com/episode/0LF5OwBT3AighaPDeFPp3a?si=V4IRanJmR0m\\_5IV-2H7idA](https://open.spotify.com/episode/0LF5OwBT3AighaPDeFPp3a?si=V4IRanJmR0m_5IV-2H7idA)